



**ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

CARINA DOS SANTOS PEDROSO

LIVRO-REPORTAGEM: PROPOSTAS PARA UM JORNALISMO HUMANIZADO

Caxias do Sul

2019

CARINA DOS SANTOS PEDROSO

LIVRO-REPORTAGEM: PROPOSTAS PARA UM JORNALISMO HUMANIZADO

Monografia do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Alessandra Paula Rech

Caxias do Sul

2019

CARINA DOS SANTOS PEDROSO

LIVRO-REPORTAGEM: PROPOSTAS PARA UM JORNALISMO HUMANIZADO

Monografia do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel.

Aprovado em ___ / ___ / 2019

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Alessandra Paula Rech
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof^a. M^a. Marliva Vanti Gonçalves
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof. Dr. Marcell Bocchese
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Dedico este trabalho a todos aqueles que acreditam que os personagens de uma notícia devem ter a chance de contar o seu lado da história, para que sempre sejam vistos de forma mais humana, sem que precisem virar estatística para isso.

AGRADECIMENTOS

Quando iniciei no Ensino Superior, ainda não fazia parte do mundo da Comunicação. Escolhi a Psicologia para, dois anos depois, confirmar o que minha mãe já havia dito muito antes: talvez o Jornalismo fosse para mim. O nervosismo por cursar as disciplinas de televisão foi determinante para o adiamento de meu ingresso no curso que agora estou para finalizar, mas, cá estou: entregando minha monografia, há apenas mais um semestre de Jornalismo para vivenciar.

Nada disso seria possível sem que pudesse contar com o apoio dos meus pais, Joselaine dos Santos Pedroso e Jurandir Pedroso, que sempre estiveram ao meu lado, não importando quantas vezes eu pensasse em desistir ou trocar de curso, pois, para eles, sempre só importou que eu fizesse o que sentia que me faria feliz.

Também preciso agradecer minha irmã, Larissa dos Santos Pedroso, que, ainda que seja a irmã mais nova e eu a mais velha, sempre demonstrou uma maturidade inspiradora para mim, em muitos aspectos. Agradeço também por todas as vezes que me incluiu e inclui até hoje nos mais diversos planos e eventos ao longo desses anos, por saber o quanto gosto de vivenciar cada um deles e como fico feliz por isso.

À minha orientadora, Alessandra Paula Rech, que me auxiliou desde o princípio quando lhe trouxe não só minha ideia de tema para defender, como também muitas dúvidas quanto ao que fazer com tudo isso. Não fosse por ela, eu talvez não tivesse descoberto (e me apaixonado) pelos livros-reportagem e pelo jornalismo humanizado.

Por fim, longe de querer que isso soe de forma arrogante, sinto que devo agradecer a mim mesma. Muitos foram os momentos em que achei que não valia a pena seguir, e incontáveis foram as situações em que cogitei abandonar o recorte acadêmico da minha vida. Mas, ainda assim, segui. Acreditei que podia, e me vi apaixonada pela temática de minha monografia no final dessa jornada. Cada nova narrativa ligada ao tema me fazia pensar e criar conexões com tudo o que pretendia defender com este trabalho.

“Toda boa narrativa do real só se justifica se nela encontramos protagonistas e personagens humanos tratados com o devido cuidado”.

Edvaldo Pereira Lima

RESUMO

A presente monografia se propõe a elucidar a importância do livro-reportagem como veículo para o jornalismo humanizado. Para isso, foi realizada a Análise de Conteúdo dos livros *Rota 66: a história da polícia que mata*, de Caco Barcellos; *Prisioneiras*, de Drauzio Varella, e *Todo dia a mesma noite*, de Daniela Arbex. A base para a reflexão foi a revisão de um referencial teórico formado, principalmente, pelos autores Eduardo Belo, Edvaldo Pereira e Sergio Vilas-Boas, sobre os conceitos de jornalismo literário e jornalismo impresso. Conclui-se que o livro-reportagem pode ser uma alternativa às mídias de formato mais compacto para informar em profundidade, impedindo que seus personagens sejam meros números em uma notícia.

Palavras-chave: Jornalismo. Jornalismo Impresso. Jornalismo Humanizado. Jornalismo Literário. Livro-Reportagem.

LISTA DE FOTOGRAMAS

Fotograma 1 - Capa do livro <i>Rota 66</i>	86
Fotograma 2 - Capa do livro <i>Prisioneiras</i>	87
Fotograma 3 - Atividades realizadas nas oficinas	88
Fotograma 4 - Entrada da Penitenciária Feminina da Capital.....	89
Fotograma 5 - Chaves, sacolas de crochê e imagem interna da cela.....	90
Fotograma 6 - “Boieiras” e os carrinhos de café da manhã.....	91
Fotograma 7 - Oficinas dentro da Penitenciária e materiais produzidos.....	92
Fotograma 8 - Caminho para as oficinas e pátio externo.....	93
Fotograma 9 - Capa do livro <i>Todo dia a mesma noite</i>	94
Fotograma 10 - Fachada da Boate Kiss e bombeiro Robson Müller.....	95
Fotograma 11 - Algumas das pessoas que viveram a tragédia.....	96
Fotograma 12 - Natalício, Marilise, Livia e Liliane.....	97
Fotograma 13 - Ligiane, Carla, César, Marta, Flávio e Carina.....	98
Fotograma 14 - Parte interna da Boate Kiss.....	99

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 JORNALISMO CONTEMPORÂNEO.....	15
1.1 Jornalismo impresso.....	16
1.2 Mídia hegemônica.....	17
1.2.1 Indústria da comunicação e sociedade de consumo.....	19
2 LINGUAGEM JORNALÍSTICA.....	21
2.1 Sensacionalismo.....	21
2.2 Jornalismo literário.....	25
2.3 Jornalismo humanizado.....	27
3 LIVRO-REPORTAGEM.....	30
4 METODOLOGIA.....	34
4.1 Pesquisa qualitativa.....	34
4.2 Escolha do corpus.....	35
4.2.1 Cartas.....	35
4.2.2 Depoimentos.....	36
4.2.2 Memórias.....	36
4.3 Pesquisa bibliográfica.....	38
4.4 Análise de conteúdo.....	38
5 ANÁLISE.....	42
5.1 <i>Rota 66 - A história da polícia que mata</i>	42
5.2 <i>Todo dia a mesma noite</i>	46
5.3 <i>Prisioneiras</i>	52
6 Considerações finais.....	56
Referências.....	60
Apêndice - Projeto de Monografia I.....	64
Anexo - Livros analisados.....	86

INTRODUÇÃO

Como seria a vida humana se não tivéssemos a possibilidade de contar nossas histórias através do tempo e, assim, deixar para as futuras gerações todos os ensinamentos e lições do que foi aprendido? De que maneira saberíamos tudo o que sabemos hoje para, então, entender o que foi um erro e não cometê-lo novamente ou, ainda, descobrir os grandes feitos de nossos antepassados e replicá-los sob a forma de histórias, para todos os que não tiveram o privilégio de conhecer cada um deles?

De relatos simples do que se viveu no cotidiano, até os detalhes de um importante acontecimento que marcou a história da humanidade, tudo é documentado. O conteúdo dos livros tende a expor seus relatos de forma imparcial e limitada rigorosamente ao que foi visto ou vivido. Mas, se a alma é o que nos torna humanos, é apegando-se a ela que contamos histórias de forma tão apaixonada, interessante, curiosa e tudo aquilo que lhe confere sentimento e humanização dos fatos.

Há sempre mais a saber sobre todos os personagens. Quem matou? Quem morreu? Como viviam antes de entrarem para a história de forma tão estatística e gelada? Pode ser que nunca tivéssemos chegado a saber tudo isso, não fosse a existência de dois grandes agentes comunicacionais: o Jornalismo Humanizado e o Livro-reportagem. Ouso dizer, ainda que muito inicialmente, que um não existe sem o outro e que, ainda, se não fosse a combinação poderosa dos dois, o coração desta graduanda talvez não tivesse se aberto tão apaixonadamente pela vontade de sempre saber mais sobre quem está sob o holofote de uma triste notícia.

Ao final desta monografia pretende-se verificar a importância jornalística presente nos livros-reportagem e suas variações, como livros de trocas ou coleções de cartas, relatos e depoimentos sobre os mais diversos acontecimentos e como tal construção literária pode ser fundamental para o registro de memórias e criação de novas narrativas humanizadas. Para tanto, foi escolhido como tema “O livro-reportagem e a humanização das narrativas jornalísticas”, tendo como delimitação de pesquisa os recursos narrativos do livro-reportagem a serviço do jornalismo humanizado.

Pensamos nesse tema após percebermos que o livro-reportagem pode, sim, ser uma ferramenta interessante para trabalhar o exercício de narrativas mais humanas no momento em que se decide realizar uma reportagem ou escrever uma notícia, por mais simples que ela pareça ser.

Sendo assim, ao realizar as pesquisas para a monografia aqui apresentada, pretendemos averiguar se a produção do livro-reportagem e, também, de livros elaborados a partir da ideia semelhante de agrupamento de relatos distintos sobre um mesmo fato contribui para exercer o bom jornalismo de forma aprofundada, cativante, informativa e, principalmente, humana.

De acordo com Sergio Vilas-Boas (1996, p. 88), em *O estilo magazine*:

Para compreender o presente, o livro-reportagem leva em conta o tempo histórico. Não significa que o jornalista (autor) realiza um trabalho de historiador. Primeiro porque não tem que se vincular ao passado. A narrativa pode ir e vir no tempo, fazendo, inclusive, um prognóstico futuro pelo desdobramento do presente (VILAS-BOAS, 1996, p. 88).

Muito se vê sobre notícias de grandes desastres sendo veiculadas de maneira imediata, fria ou com o único objetivo de cumprir com a obrigação das redações em cobrir pautas de seus informativos diários e, por isso, são raras as exceções onde encontramos veículos verdadeiramente preocupados com a história dos integrantes do acontecimento.

A sensibilidade para com a forma de noticiar um fato ou contar a história faz parte da corrente do *New journalism* “movimento criado nos anos 60 nos Estados Unidos (...) aderiu, na época, às mudanças na forma de perceber, agir e pensar o mundo” (VILAS-BOAS, 1996, p. 90). Foi o *New journalism* o responsável por iniciar a produção de conteúdo com foco na narrativa a partir da observação do participante, onde, segundo o autor, os jornalistas tentavam “viver” o ambiente de seus personagens (VILAS-BOAS, 1996, p. 90).

De forma a humanizar os personagens da notícia, uma possibilidade parece ser voltar o olhar jornalístico para a produção dos livros-reportagem e suas histórias completas que nos contam as diversas visões de um mesmo fato, uma das funções primordiais do Jornalismo, que contribuem para que o jornalista possa construir sua narrativa, como ocorreu com os diversos relatos acerca da tragédia com a delegação

da Chapecoense, em novembro de 2016, e o incêndio na Boate Kiss de Santa Maria, em janeiro de 2013.

Ainda mais recente foi o caso do assassinato da vereadora carioca Marielle Franco e de seu motorista Anderson Gomes, em março deste ano. A falta de sensibilidade, observada em boa parte da imprensa, acabou sendo compartilhada por parcela considerável do público, caindo nas agora chamadas *fake news*, notícias inverídicas plantadas em diferentes grupos sociais, utilizando as redes sociais para sua forte disseminação. Logo após as primeiras notícias informando o acontecido, já era possível notar a divulgação de informações falsas e difamatórias sobre Marielle, alegando, entre outras coisas, que a vereadora foi esposa do traficante e agora presidiário Marcinho VP e que também engravidou aos 16 anos. Não foi preciso muita pesquisa por parte da população para descobrir que Marielle não foi mãe aos 16 anos e sim aos 19, visto que sua filha tem 19 anos e Marielle faria 39 anos em julho desse mesmo ano. Já o boato de seu relacionamento com Marcinho VP demandou um pouco mais de tempo para ser refutado.

Notícias abordadas de forma errônea ou o compartilhamento de boatos difamatórios como os que surgiram sobre Marielle são desnecessários, atrapalham a realização do bom jornalismo e pesam ainda mais sobre o sofrimento e luto que a família enfrenta. Tratar os personagens como os seres humanos que são e compreender suas lutas e histórias por trás de seus nomes e cargos divulgados como única informação relevante para a notícia é também o papel do jornalismo humanizado.

Apesar de se chocar com muitas informações desencontradas e notícias mentirosas, a cobertura realizada para contar a história de Marielle e Anderson deixou muitas sementes em termos de movimentação social e de luta, pois mexe diretamente com diversos grupos sociais a que Marielle representava, não apenas enquanto figura política, assim como Anderson também representa o brasileiro que “trabalha duro” para garantir o sustento de sua família. No dia em que acompanhava Marielle, ele trabalhava para ter uma renda extra no orçamento, cobrindo a folga de outro motorista que costumava levar Marielle Franco para os atos que participava.

Fatos como os citados acima reforçam a escolha de desenvolver uma monografia onde se discuta a importância de abordar as histórias dos personagens

que compõem a notícia de forma mais humana, profunda e realmente interessada em falar sobre suas histórias e trazer ao público a possibilidade de refletir e até mesmo mudar seu pensamento em relação ao que lhe é apresentado.

Entendemos que os relatos de Drauzio Varella em sua série de livros *Estação Carandiru (1999)*, *Carcereiros (2012)* e *Prisioneiras (2018)*, sendo esse último um dos livros que serão posteriormente analisados para a monografia, contando a história das presidiárias da Penitenciária Feminina da Capital, em São Paulo, podem fazer parte desse novo jornalismo que pretendemos, e é para verificar com bases técnicas essa, entre outras possibilidades, que passamos empreender essa pesquisa.

Segundo Jorge Duarte e Antonio Junqueira (2011, p. 45) no livro *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*, “Muitas vezes, a possibilidade de utilizar uma técnica desafiadora é o principal atrativo de uma pesquisa, tornando-a mais estimulante e criativa” e por isso se faz tão importante e curiosa a análise dos conteúdos em livros-reportagem para verificara contribuição que a informação segmentada dos livros-reportagem nos apresenta.

Para que possamos compreender o livro-reportagem em toda a sua importância e também entender o que motivou sua escolha como objeto de estudo deste trabalho, elaborou-se a seguinte questão norteadora para ser respondida: Quais recursos narrativos utilizados no livro-reportagem e suas vertentes podem contribuir para a produção de conteúdo no jornalismo humanizado?

Diante do tema e questão norteadora escolhidos, foram estabelecidos certos objetivos. São eles:

- Ampliar as reflexões sobre a contribuição do estilo livro-reportagem para a criação de narrativas no jornalismo humanizado.
- Analisar as narrativas que compõem os diferentes formatos de livros-reportagem escolhidos para a produção dessa monografia;
- Observar, entre essas narrativas, informações sobre o processo de construção das reportagens, com seus desafios e diferenciais;
- Relacionar os principais recursos de comunicação que diferenciam o livro-reportagem das formas tradicionais de noticiar;

- Elencar propostas para um jornalismo humanizado a partir dos recursos observados nos livros-reportagem selecionados.

Além deles, também foram elencadas as seguintes hipóteses que serão comprovadas total ou parcialmente ou, caso ocorra, até mesmo refutadas:

- Hipótese 1: O livro-reportagem tem como diferenciais do jornalismo tradicional o maior uso de depoimentos, seja através de cartas, entrevistas ou autobiografias;
- Hipótese 2: Diante da enxurrada de informação gerada pela multiplicação das mídias digitais, existe a necessidade de retomada do conteúdo mais analítico, detalhado e especializado, o que amplia o campo para o livro-reportagem;
- Hipótese 3: O futuro do jornalismo impresso passa pela adesão a formas mais humanizadas de noticiar, e o livro-reportagem é uma delas;
- Hipótese: 4: A humanização não faz necessariamente parte do estilo livro-reportagem, já que alguns autores podem usar do oportunismo e também do sensacionalismo para aumentar o número de exemplares vendidos para ler suas histórias.

Para que possamos chegar a esse objetivo, dividiu-se a monografia em tópicos com conceitos fundamentais para compreender o livro-reportagem enquanto objeto de estudo a ser analisado, sendo eles: Jornalismo, Jornalismo impresso, Mídia hegemônica, Indústria da comunicação e sociedade de consumo, Sensacionalismo, Jornalismo literário, Jornalismo humanizado e, por fim, o próprio Livro-reportagem.

No Capítulo 1, abordamos o Jornalismo contemporâneo, bem como os subtópicos que abordam as temáticas do Jornalismo impresso, da Mídia hegemônica e da Indústria da comunicação e sociedade de consumo, de forma a trazer um breve contexto histórico e iniciar essa reflexão sobre o impacto que o jornalismo impresso ainda possui sobre os leitores e como suas narrativas e papéis sociais ainda são muito importantes para o público que consome essa mídia, em termos de influência, vínculo e até construção do pensamento de uma forma geral.

O segundo capítulo traz a questão da Linguagem jornalística e como ela é utilizada para construir uma notícia que é divulgada para a grande massa. Para isso, escolhemos abordar três conceitos cuja ordem é de fundamental importância para compreender o papel do jornalismo elaborado de forma humana, sendo um deles, o Sensacionalismo e mídias digitais, que abrange como o jornalismo sensacionalista transforma negativamente a imagem do Jornalismo diante do público, com exemplos de notícias construídas dessa forma.

O Jornalismo literário é o segundo tema, onde apresentamos o contexto histórico desse estilo, a partir do suporte bibliográfico aproximando-o da construção do terceiro e último conceito abordado nesse capítulo: o Jornalismo humanizado, e sua importância para compreensão do fazer jornalístico de forma mais humana.

O Capítulo 3 da monografia entra no tema principal de toda a pesquisa: o Livro-reportagem. A partir das obras de Sergio Vilas-Boas, Edvaldo Pereira Lima e Eduardo Belo, apresentamos não apenas o que é o livro-reportagem, mas também, as razões para escolher esse tipo de material como objeto de pesquisa. Dentro das obras selecionadas para a análise, percebemos algumas classificações quanto à forma como as narrativas foram construídas. Por isso, dentro desse mesmo capítulo abordou-se a temática das Cartas; Depoimentos e Memórias como suporte utilizado para a elaboração dos livros-reportagem.

O quarto capítulo apresenta a metodologia escolhida para trabalhar da melhor forma o tema elencado. Sendo o objeto de estudo o livro-reportagem, a metodologia desta monografia foi pautada pelas pesquisas qualitativa e bibliográfica e, também, pela análise de conteúdo dos livros que serão apresentados no capítulo 5, que será descrito a seguir.

O penúltimo capítulo deste trabalho utiliza a Análise de Conteúdo como método para dissecar as narrativas e compreender seu papel no fazer jornalístico. livros foram escolhidos para realizar este trabalho, são eles: *Rota 66: a história da polícia que mata* e *Abusado: o dono do Morro Dona Marta*, ambos do escritor e jornalista Caco Barcellos; *Prisioneiras*, do médico e escritor Drauzio Varella, e *Todo dia a mesma noite*, da jornalista e escritora Daniela Arbex.

A escolha dessas obras se deu a partir de uma subclassificação de narrativas: carta, depoimento e memória. Tal classificação foi feita ao longo da leitura de cada exemplar.

O sexto e último capítulo traz as considerações finais acerca de toda a análise e pesquisa realizada. Sendo assim, pretendeu-se não apenas abordar a importância de cada obra para o fortalecimento da imagem do livro-reportagem, enquanto ferramenta jornalística, mas, também, propor a análise e reflexão sobre o valor dos relatos humanizados.

1 JORNALISMO CONTEMPORÂNEO

Como conceituar o Jornalismo e falar sobre sua importância em um momento em que os fatos são diariamente questionados e, até mesmo, as fontes mais sólidas e competentes são postas em dúvida?

Falar sobre o fazer jornalístico e, ao mesmo tempo, encontrar formas menos sentimentais para colocar em palavras a relação entre o jornalista e as histórias que ele pretende contar não é tarefa fácil. É possível que nos deparemos com essa dificuldade justamente por não haver como descolar do profissional suas crenças e vivências. Uma vez que a notícia toca o coração do jornalista, ela deixa de ser uma mera informação a ser passada. Segundo Cláudio Abramo, em *Regra do Jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro*:

No jornalismo, o limite entre o profissional como cidadão e como trabalhador é o mesmo que existe em qualquer outra profissão. É preciso ter opinião para poder fazer opções e olhar o mundo da maneira que escolhemos. Se nos eximimos disso, perdemos o senso crítico para julgar qualquer outra coisa. O jornalista não tem ética própria. Isso é um mito. A ética do jornalista é a ética do cidadão. O que é ruim para o cidadão é ruim para o jornalista (ABRAMO, 1997, p. 109).

Em contrapartida, nos vemos diante de um período nebuloso quando pensamos na forma como os personagens, das diversas matérias que nos chegam todos os dias, são apresentados. Não é raro que, após lermos o conteúdo de uma matéria, nos peguemos perguntando, ainda que mentalmente, se tudo aquilo é real, sem distorções da realidade. As chamadas *fake news* não são apenas uma realidade, mas uma realidade crescente e sombria que tende a levar todas as checagens de fontes à exaustão. A credibilidade dos veículos de comunicação está cada vez mais ameaçada e é papel de cada profissional da área se manter firme diante da repetitiva incoerência noticiosa a que somos expostos todo o tempo.

Ser jornalista não é usar de sua voz para meramente replicar notícias, mas, sim, ter consciência do tamanho e importância de sua responsabilidade social para com aqueles que não possuem acesso direto aos fatos. É ser a voz dos que muitas vezes não são ouvidos e, também, ser aquele que procura saber a razão destes não serem ouvidos.

É possível que, em grande parte dos cursos de Jornalismo, se escute que a sua prática consiste em contar histórias, mas é preciso ir além: contar histórias reais, informar, conscientizar, dar voz e nome aos seus personagens, para que não se tornem meros números em qualquer que seja a sua estatística.

1.1 Jornalismo impresso

É comum ouvir e ler, nas mais diferentes mídias, que o jornalismo impresso está acabando e que logo tudo será digital, mas, é inegável que a comunicação impressa tem peso e importância muito grandes na vida de seus leitores, sejam eles assíduos ou consumidores esporádicos do conteúdo produzido. Muito disso se deve ao vínculo criado ao longo dos anos entre o público leitor e a rotina de ler o jornal todas as manhãs, antes de iniciar as tarefas do dia, ou conferir os cadernos especiais encartados nas edições de domingo de muitos diários, por exemplo.

Mais do que o estabelecimento de vínculos, neste ponto se faz necessário lembrar que a existência do jornal impresso na vida dos leitores ultrapassa os séculos, afinal, como trazido por Judith Brito e Ricardo Pedreira (2009), no livro *A força dos jornais: os 30 anos da Associação Nacional de Jornais no processo de democratização brasileiro*,

O jornal é a mais antiga das mídias para o grande público. Embora tenha havido experiências de comunicação pública por via escrita desde a Roma Antiga, se definirmos jornal como o conhecemos hoje — como a distribuição regular e em massa de notícias em papel impresso —, o marco inicial é a criação do processo de impressão por tipos móveis, a tipografia, pelo alemão Johannes Gutenberg, em 1447. (...) Os primeiros jornais impressos a partir da invenção de Gutenberg surgiram no começo do século xvii, inicialmente na Europa, depois nas Américas, e em seguida se espalharam por todo o mundo. As inovações tecnológicas acontecidas ao longo dos séculos — sobretudo na produção gráfica, na fotografia, na transmissão de informações e na distribuição física dos impressos — transformaram os jornais em meios de comunicação de massa. (BRITO; PEDREIRA p. 25)

Sobre o modo como o jornalismo impresso funcionava em seus primeiros anos circulando na sociedade brasileira, Hérís Arnt, em seu livro *A influência da Literatura no Jornalismo: o Folhetim e a Crônica*, defende que:

No Brasil, onde alternavam-se fases de maior e menor tolerância ao livre exercício da imprensa, a tônica desse jornalismo partidário era a detração, os ataques pessoais e a linguagem grosseira. Passada a primeira fase da imprensa que foi do I Reinado à Regência, em que os jornais estavam sob o controle da Coroa, o jornalismo passou a apresentar uma faceta panfletária e política. Nelson Werneck Sodré considera esse período de grande

violência verbal, refletindo o ardor apaixonado das facções divergentes. Os jornais praticavam toda sorte de excessos (ARNT, 2001, p. 32).

Esse jornalismo de linguagem mais grosseira e visto de forma violenta ainda é, infelizmente, muito praticado. Usa-se da apelação e da busca incansável pela audiência do público para que todo tipo de matéria “sangrenta” seja produzida. O tema será desenvolvido adiante, ao tratarmos do sensacionalismo na mídia.

1.2 Mídia hegemônica

A democratização das mídias trata da ideia de que a informação não deveria ser concentrada nas mãos de poucas empresas de comunicação, como os grandes jornais ou emissoras de televisão, pois, assim como dito pelo portal Mídia Ninja ao ser questionado sobre o que se pensa a respeito da mídia tradicional,

As grandes corporações de mídia vivem uma intensa crise. Esse momento pode ser entendido em dois aspectos principais: no âmbito econômico, de um modelo pautado pela venda de anúncios e a circulação física de publicações que não conseguem se adaptar aos novos tempos digitais, e de credibilidade, por anos e anos de omissão e manipulação de informações em prol do poder econômico e de grupos políticos de seu interesse. A velha mídia está amarrada a uma linguagem e a um padrão de qualidade que são paradigmas do jornalismo comercial, com pouca abertura para experimentação e adaptação às novas formas de produção e interação com a informação permitidas pela explosão das redes sociais. (NINJA, 2019, S/P)

Sendo assim, o poder de produção da notícia tende a ser, de certa forma, desleal, pois, a imparcialidade esperada e o compromisso de informar a que o Jornalismo, enquanto instituição, se propõe acabam sendo suprimidos e a pluralidade das narrativas, eliminada. Para que exista a real democratização e a mídia se torne hegemônica, há também a luta bastante ativa do Coletivo Intervezes que

(...) defende que a complementaridade dos sistemas público, privado e comunitário como fundamental para a Democracia no Brasil. Assim, desde o seu início o Intervezes tem apoiado, incentivado e assessorado grupos que atuam na mídia alternativa e na comunicação popular. Entre os projetos desenvolvidos pelo coletivo nesta área, estão publicações como a série Vozes Silenciadas e a série Direitos de Resposta. A consolidação de um Sistema Público de Comunicação forte e diverso também é fundamental. (...) No contexto brasileiro, a mídia comunitária, alternativa e livre sofre com legislações anacrônicas que inviabilizam a sustentabilidade comercial, com processos altamente burocráticos de autorização além da perseguição e criminalização. A diversidade e a pluralidade regional e cultural, também

previstas na Constituição ficam, nesse cenário, altamente comprometidas. (INTERVOZES, 2019, S/P)

Não é difícil observar que um mesmo fato seja amplamente noticiado nas mais diversas plataformas de uma grande empresa de mídia, mas, tantas outras ocorrências têm seu espaço negado ou, até mesmo, modificado em detrimento dos interesses de quem noticia. Como dito pelo jornalista Mário Augusto Jakobskind em artigo para o site Observatório da Imprensa,

(...) para a família Marinho e outros clãs midiáticos latino-americanos, evitar que algum grupo privado tenha o controle total dos meios de comunicação, inclusive em termos de propriedade cruzada (propriedade de jornal, rádio e televisão numa mesma área) é 'investida contra a imprensa'. Ou seja, mais uma vez estes senhores que controlam a informação misturam liberdade de imprensa com liberdade de empresa (JAKOBSKIND, 2009, S/P).

Dois grandes exemplos de mídias independentes que fazem parte da luta da democratização dos meios de comunicação podem ser vistos no trabalho realizado pela Mídia Ninja que, segundo definição encontrada na página "Quem somos", do site da organização, é

(...) uma rede de comunicação livre que busca novas formas de produção e distribuição de informação a partir das novas tecnologias e de uma lógica colaborativa de trabalho. Entendemos a comunicação democrática como um direito humano e defendemos o interesse público, a diversidade cultural e o direito à informação, visibilizando pautas de comunicação, causas identitárias, cultura, meio ambiente, juventude e outras que dialogam com os desafios do século XXI (NINJA, 2019, S/P).

Como segundo exemplo de mídia independente, temos o Coletivo Intervozes, definido por

(...) uma organização que trabalha pela efetivação do direito humano à comunicação no Brasil. Para o Intervozes, o direito à comunicação é indissociável do pleno exercício da cidadania e da democracia: uma sociedade só pode ser chamada de democrática quando as diversas vozes, opiniões, culturas e raças que a compõem têm espaço para se manifestar (INTERVOZES, 2019, S/P).

Bruno Marinoni, Doutor em Sociologia e mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco e integrante do Intervozes, em artigo publicado no site do próprio Coletivo Intervozes, reforça a importância da democratização das mídias e da comunicação ao dizer que

A comunicação é uma dimensão humana fundamental, tendo a humanidade desenvolvido, ao longo da sua história, os meios pelos quais as sociedades se comunicam. A apropriação desses meios, porém, se dá de modo

desigual e, atualmente, sociedades capitalistas, como a brasileira, são caracterizadas por um alto grau de concentração da mídia, sob a forma da propriedade privada de emissoras de rádio e televisão (MARINONI, 2015, p. 4).

Democratizar as plataformas onde narrativas singulares preenchem papéis dentro da pluralidade da informação é extremamente importante para que a comunicação se torne menos mecânica e mais humana. É fundamental compreender a quem interessa informar ou ignorar os fatos, bem como se atentar à forma como tal informação é apresentada ao seu público.

1.2.1 Indústria da comunicação e sociedade de consumo

Guy Debord (2003, p. 13), em *A Sociedade do Espetáculo*, afirma que “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era realmente vivido se esvai na fumaça da representação”. Com o surgimento da internet e, principalmente, das redes sociais, é possível quase que diariamente vivenciar o que Debord já dizia, pois, muito do que vivemos não vivemos de fato: transformamos em um espetáculo, clicando, gravando, publicando, conectando, fazendo transmissões ao vivo para mostrar nosso cotidiano ao invés de simplesmente vivê-lo realmente.

Onde fica a humanização em meio a tudo isso? Lembramos ainda quem somos ou apenas os números crescentes de nossa “audiência” é que contam para validar experiências que deveriam ser pessoais até então?

Também segundo Debord (2003, p. 14), “O espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu instrumento de unificação. Enquanto parte da sociedade, o espetáculo concentra todo o olhar e toda a consciência” e esta concentração de olhares para com o que é espetacularizado pode ser vista nos telejornais ou programas policiais que seguem, por vezes, uma fórmula que prende a audiência: o anúncio de uma tragédia, um culpado e sua vítima, muito ruído e promessas de finalizar a história de forma justiceira, para contentar a quem assiste a isso tudo.

Entendemos que esse modelo de narrativa acaba por se tornar uma forma de ignorar, por assim dizer, a realidade que nos cerca e, então, criamos distrações para com o que se torna mais interessante, mesmo que isso implique em ser algo sensacionalista. “O espetáculo é o mau sonho da sociedade moderna acorrentada, que ao cabo não exprime seu desejo de dormir. O espetáculo é o guardião desse sonho” (DEBORD, 2003, p. 20).

É a indústria da comunicação funcionando “a todo vapor”, em busca de audiência e consumo. Seria o sensacionalismo mais uma vez chegando até o jornalismo e, quem sabe até mesmo, o ultrapassando?

2 LINGUAGEM JORNALÍSTICA

Para entender a importância de abordar o jornalismo de forma mais humana e, então, compreender cada aspecto dos livros-reportagem analisados nesta monografia, primeiro é preciso apresentar e explicar a razão pela qual escolhi três tipos de linguagens jornalísticas que costumam aparecer na construção das notícias e na própria maneira como os noticiários e jornais impressos informam sua audiência.

O primeiro deles traz o sensacionalismo e as mídias sociais, onde falo justamente sobre a parte oposta ao jornalismo humanizado, onde tudo se tornou um grande espetáculo e a forma como a matéria é escrita ou veiculada na televisão (muitas vezes em tempo real) é “crua” e sem preparo, tanto por quem está recebendo esse fluxo de informação quanto por quem não se preocupou em filtrar ou editar aquilo que deveria ser o essencial da ocorrência noticiada.

O segundo tópico sai do ambiente violento de se produzir uma narrativa e nos transporta para o campo do jornalismo literário, onde neutraliza-se, portanto, a linguagem utilizada e conhecemos não apenas o contexto histórico deste gênero de forma breve, mas, o caminho percorrido para aproximar jornalista e leitor. Através de crônicas, relatos e histórias contadas em primeira pessoa ou utilizando a visão do jornalista como narrador de um fato, veremos que o jornalismo literário pode ser uma escolha acertada para produzir conteúdos mais próximos da realidade e, assim, promovendo a reflexão daqueles que consomem a notícia ainda de forma muito mecânica.

O terceiro e último estilo de linguagem escolhido foi o jornalismo humanizado, ponto fundamental para a pesquisa e que me permitiu compor esta monografia. Com ele, pretendo levar a leitura desta monografia em um mergulho pela humanização das fontes e também falar sobre como é importante lembrar que os personagens que compõem uma notícia são sempre muito mais do que figuras em uma história.

2.1 Sensacionalismo

Uma das principais razões para escolher a análise de livros-reportagem como temática para minha monografia, foi o fato de perceber a forma como muitas notícias

têm sido veiculadas para a população. Ao fato de atribuir-se o título de “sensacionalista” a uma produção jornalística, Danilo Angrimani Sobrinho (1995), comenta em *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa* que

Não importa qual seja o contexto, sempre que se quer acusar um veículo de comunicação, ou um jornalista, usa-se de forma abrangente – e nem sempre exata – a adjetivação “sensacionalista”. Por ser totalitário, o termo leva à imprecisão. O leitor (o telespectador, o ouvinte) entende sensacionalismo como uma palavra-chave que remete a todas as situações em que o meio de comunicação, no entender dele, tenha cometido um deslize informativo, exagerado na coleta de dados (desequilibrando o noticiário), publicado uma foto ousada, ou enveredado por uma linha editorial mais inquisitiva. Sensacionalista é a primeira palavra que a maior parte das pessoas utiliza para condenar uma publicação. Seja qual for a restrição, o termo é o mesmo para quase todas as situações. (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 7)

Em relação ao início do sensacionalismo na história da imprensa, o autor pontua que

O jornalismo impresso sensacionalista tem um início incerto e difícil de se precisar. Embora algumas enciclopédias dêem como referência o final do século passado, e atribuam aos editores Joseph Pulitzer e William Randolph Hearst a responsabilidade pela implantação desse gênero jornalístico, o fato é que o sensacionalismo parece ter se enraizado na imprensa desde seus primórdios. (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 7)

É comum que produções de cunho sensacionalista sejam encontradas com mais facilidade no ambiente virtual, onde a busca por cliques em uma notícia tem, infelizmente, sido a motivação mais forte no momento em que a informação é passada para o público. Mas assim como a imprensa passou a existir no Brasil apenas a partir de 1808, o sensacionalismo também já era atuante em outros países, visto que

No século XIX, faziam muito sucesso na França os “canards”, jornais populares de apenas uma página, impressos na parte frontal e que comportavam título, ilustração e texto. Os “canards” mais procurados, segundo Seguin, eram os que relatavam *fait divers criminels*: crianças martirizadas ou violadas, parricídios, cadáveres cortados em pedaços, queimados, enterrados. Assim como eclipses, cometas, grandes catástrofes, tremores de terra, inundações, desastres de trem, naufrágios. (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 13)

Isso não apenas impacta negativamente na imagem do Jornalismo, como acaba canalizando o poder de informar para o lado errado da questão.

O reforço da visão negativa do Jornalismo quando atrelado ao campo sensacionalista também é comentado por Tamires Coêlho em seu artigo *Sensacionalismo travestido de jornalismo policial*, onde diz que

Não é raro depararmos com matérias “jornalísticas” que ferem a ética e maculam a imagem dos profissionais de Comunicação. Sobretudo quando se está assistindo a programas ‘policiais’ ou navegando em portais de notícia, quando o choque da composição entre palavras e imagens marca o leitor/telespectador, quando o jornalista é (re)conhecido por fazer circular notícias ruins – e de maneira deplorável (COÊLHO, 2012, S/P).

Quem são os personagens da notícia que está sendo veiculada? Era realmente necessário colocar tão detalhadamente (no título ou até mesmo no corpo da notícia) o estado em que as vítimas foram encontradas? Como os familiares dessas pessoas irão se sentir ao ler algo tão agressivo e explanatório? Mesmo para quem não está nas redações e, enquanto leitor, recebe tais conteúdos, é quase impossível não fazer essas perguntas.

Ainda sobre a problemática do detalhamento excessivo ao produzir uma matéria, seja ela escrita ou em vídeo, temos o recente caso do massacre de Suzano, onde não apenas foi produzido um extenso material contando com riqueza de detalhes como os atiradores agiram, como também foi possível acompanhar a matéria veiculada no telejornal *Band News*, onde o repórter perseguia a mãe de um dos responsáveis pelo atentado. Na reportagem, de teor apelativo, foram feitas perguntas que, utilizando do abalo emocional da entrevistada, acabam por induzir aquela senhora a dar respostas rápidas, de forma a alavancar a audiência do programa, sem que a mesma pudesse refletir antes de se posicionar.

Além da exposição de detalhes em excesso, é comum que o sensacionalismo esbarre naquelas que agora são tão presentes nas conversas cotidianas: as *fake news*. Segundo Natália Laís Almeida Xavier, em seu artigo *Jornalismo em tempos de fake news: a (re)construção do real e os riscos à credibilidade*,

O dicionário Cambridge (2018) classifica as fake news como “histórias falsas que parecem ser notícias, se espalham na internet ou em outras mídias, geralmente criadas para influenciar pontos de vista políticos ou como uma piada: há preocupação com o poder das notícias falsas para afetar os resultados eleitorais”. Considerando que um dos princípios para que algo seja considerado essencialmente uma notícia é transmitir a realidade, utilizaremos aqui o conceito de fake news trazido pelo dicionário Cambridge. Consideramos que as fake news, diferente do que a tradução

literal do termo pode sugerir, não são notícias falsas, mas histórias falsas que parecem ser notícias (XAVIER, 2018, p. 8).

E notícias falsas, mescladas ao sensacionalismo, infelizmente não faltaram quando o país tomou conhecimento do brutal assassinato da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes, em março de 2018. Muito se fez para que a imagem de Marielle fosse distorcida, difamando a memória da parlamentar. Segundo matéria publicada por Giselle Santos no portal Congresso em Foco, na época em que a tragédia aconteceu,

A intensa comoção causada pela execução da vereadora Marielle Franco (Psol-RJ) e de seu motorista, Anderson Gomes, na última quarta-feira (14), tem gerado, além de manifestações e homenagens emocionadas, uma onda de acusações e notícias falsas, as chamadas fake news, sobre a trajetória política e pessoal da vereadora. Circulam pelo Whatsapp e pelas redes sociais, sem nenhum tipo de comprovação, boatos que vão desde a sua conexão com o crime organizado até o uso de drogas. (SANTOS, 2018, S/P).

Trata-se de uma questão tão problemática, que até mesmo parlamentares acabaram por colaborar com a disseminação de notícias falsas, em detrimento de apoiar suas crenças e lado político. Como foi o caso do Deputado Alberto Fraga (DM-DF) onde, em seu perfil no Twitter

(...) escreveu que Marielle era “ex-esposa do Marcinho VP”, traficante que comandava o tráfico na zona sul do Rio, “usuária de maconha” e “defensora de facção rival e eleita pelo Comando Vermelho”. O parlamentar disse ao Congresso em Foco que fez a postagem após ler “várias publicações”, já identificadas como falsas. Após a repercussão negativa, a postagem foi apagada (SANTOS, 2018, S/P).

Nota-se aí uma tentativa de desumanizar a vereadora, tornando-a um personagem passível de ser desqualificado por suposta ligação com o crime organizado do Rio de Janeiro, como se isso fosse algum tipo de justificativa para a sua morte ou, até mesmo, uma forma de apaziguar a gravidade dessa tragédia.

Outras formas de violência para com Marielle puderam ser observadas ao longo dos meses em que questões “Quem matou Marielle?” e “Quem mandou matar Marielle?” surgiram, como a placa que renomeava uma rua com o nome da parlamentar (feita para homenageá-la), que teve sua destruição gravada e publicada na internet por pessoas contrárias ao lado político de Marielle.

Como exemplo de outro caso marcante onde o jornalismo se rendeu ao sensacionalismo, foi a situação envolvendo uma publicação do portal Catraca Livre e a tragédia com o avião do time catarinense Chapecoense, em novembro de 2016. Segundo matéria publicada na editoria de Esportes do Portal iG no dia 30 de novembro de 2016, dia seguida à tragédia, portanto, “Logo após o acidente, o Catraca Livre fez uma publicação com a foto de jogadores do time com a seguinte chamada: ‘10 fotos de pessoas em seu último dia de vida’. Outro post nas redes sociais trazia vídeos com a reação de passageiros durante um acidente de avião” (IG, Portal, 2016, S/P).

A repercussão, como era de se esperar, em uma situação extremamente delicada como essa, foi muito negativa e levantou, mais uma vez, a questão da exploração do trágico e do jornalismo sensacionalista e, também, oportunista que se vale de momentos tristes e de grande comoção para tentar alavancar sua audiência e o número de cliques em uma matéria.

Em questão de poucas horas o caso se tornou um dos assuntos mais falados na internet e foi possível acompanhar quase que em tempo real a revolta do público, principalmente via Twitter, onde “Catraca Livre” figurava entre as primeiras posições dos *trending topics*, uma lista com as pautas mais populares entre os usuários da rede social, que se atualiza conforme os temas são debatidos ou mencionados dentro da plataforma. A audiência foi de fato alavancada, mas, pelas razões erradas.

Por isso é tão importante ficar atento ao tipo de construção que as narrativas jornalísticas possuem ao se transmitir a informação para o grande público, visto que o “sangue pelo sangue” ou a caça aos cliques e altos pontos de audiência muitas vezes implicam em uma comunicação extremamente violenta e desnecessária.

2.2 Jornalismo literário

Para compreender o jornalismo literário, é preciso lembrar que seu surgimento vem do Novo Jornalismo ou *New journalism*, “movimento criado nos anos 60 nos Estados Unidos (...) aderiu, na época, às mudanças na forma de perceber, agir e pensar o mundo (VILAS-BOAS, 1996, p. 90)”. Foi o *New journalism* o responsável por iniciar a produção de conteúdo com foco na narrativa a partir da

observação do participante, onde, segundo o autor, os jornalistas tentavam “viver” o ambiente de seus personagens (VILAS-BOAS, 1996, p. 90).

Também encontramos a relação do jornalismo literário com o *New journalism* no artigo *A Notícia Pode Ser Você: do New Journalism ao Sensacionalismo*, de Diogo de Mendonça Pontes e Ada Kesea Guedes Bezerra, onde afirmam que

De certo modo, o New Journalism surge da queda da castração formal imposta socialmente ao jornalismo. A proposta agora é vivenciar o mais próximo possível as experiências do outro, praticando a etnografia se possível, para destacar não apenas fatos, mas sensações e emoções (PONTES e BEZERRA, 2015, p. 3).

O papel do jornalismo literário e sua importância para a construção de narrativas também foi discutido dentro do próprio Campus-Sede da Universidade de Caxias do Sul, onde, em conversa com a jornalista Dominique Pastore Grigolo, do Setor de Imprensa da Universidade de Caxias do Sul, o jornalista Edvaldo Pereira Lima realizou, em abril de 2012, uma palestra para os cursos de Comunicação na UCS e em um dos momentos a jornalista trouxe a questão do jornalismo literário para Lima.

Ao questioná-lo sobre como vê o cenário desta área no país e o fator do hibridismo da linguagem jornalística neste aspecto, o jornalista diz que traz muito do contexto histórico necessário para que possamos compreender a importância do jornalismo literário enquanto construtor de narrativas humanizadas, ao dizer que

O jornalismo literário como prática jornalística diferente do jornalismo do dia a dia, não é novo, ele existe desde o final do século XIX. Na verdade, quando surgiu o jornalismo moderno, um jornalismo mais da notícia, do factual, também surgiu o jornalismo literário em paralelo, só que um acabou predominando e outro ficou em segundo plano. Então, em alguns momentos da história se recupera o valor do jornalismo literário. E eles funcionam muito bem juntos porque o jornalismo do dia a dia tem um papel importante, um papel de informar, de colocar as pessoas em contato com o que está acontecendo no mundo; enquanto o jornalismo literário tem outro papel, que é o de aprofundar, de contextualizar e, principalmente, humanizar, colocando as pessoas em primeiro plano, mas o conteúdo também é factual, é real, porque o jornalismo literário não admite ficcionalização, nem invenções, apenas se aplica as técnicas da narrativa literária. Então no lugar de um lead, você tem um recurso literário chamado cena, em que não se conta simplesmente o que aconteceu, mas se contextualiza e mostra a situação (LIMA, 2012, S/P).

Sobre o objetivo do jornalismo literário ser um gênero que existe para além do fato dinâmico de informar, como fazem os jornais diários, por exemplo, Lima

comenta sobre a profundidade encontrada nas produções que usam o jornalismo literário como base para criação, pois,

(...) o objetivo é dar ao leitor uma compreensão aprofundada de uma situação, de uma realidade, e, ao mesmo tempo, transmitir ao leitor uma vivência simbólica daquele universo. Um exemplo é uma reportagem de uma gaúcha que pratica um jornalismo literário de primeiríssima qualidade no Brasil, que é a Eliane Brum. Ela foi pra uma casa de repouso, a matéria dela era sobre esse lugar, só que como ela é uma excelente profissional e utiliza a narrativa literária, o leitor acaba tendo uma experiência de como se tivesse ido junto com ela lá. Isso é que é o mais legal do jornalismo literário, porque ele funciona como um embaixador do leitor, permitindo que se vivencie, simbolicamente pelo menos, muitas experiências de vida" (LIMA, 2012, S/P).

No oitavo capítulo do livro *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*, denominado *Palavras "inconsideradas" na lagoa do conhecimento*, Florence Dravet fala sobre a relação da literatura com o jornalismo ao dizer que:

O certo é que a literatura é a esperança da comunicação, para a qual é necessário que se eduquem não só os futuros jornalistas mas os leitores. Através da literatura, o homem exerce a sua singularidade, de forma universal. Porque ela é uma forma de expressão oral ou escrita que atravessa os tempos da história humana, que cruza as fronteiras as nações. (DRAVET, 2005, p. 89)

Já Carlos Peixoto, em sua colaboração na mesma obra citada, afirma que o elo que une jornalismo e literatura está na narração (2005, p. 95) e vai além, ao comentar que:

Jornalismo e literatura são interdependentes e as diferenças que foram colocadas entre ambos estão se tornando cada vez mais irrelevantes. O leitor atual de jornais já não se contenta com o diálogo apressado e superficial - isso ele pode ter ligado (sic) a TV - e são cada vez maiores as influências do jornalismo sobre a literatura. Aceitar essa aproximação, fazer dela uma via de mão dupla, poderá levar a saídas para a crise atual em que se debate o jornalismo. (PEIXOTO, 2005, p. 124)

2.3 Jornalismo humanizado

A questão do jornalismo humanizado enquanto objeto de estudo para realizar esta monografia não foi, em um primeiro momento, a ideia inicial para produzirmos o trabalho final da graduação, mas, sim, a questão da comunicação escrita e da produção de cartas, como mecanismo para preservação da memória.

O amadurecimento de ideias para elaborar este trabalho, iniciou após a aluna ter sido apresentada ao termo “jornalismo humanizado”, presente na pauta abordada pelo *Minimanual do Jornalismo Humanizado*, elaborado pelo coletivo Think Olga. No material referido é possível encontrar muito da discussão sobre humanização de notícias, personagens e modos de tratamento tanto para com o público que consome a informação como para o aquele que é retratado na notícia.

Por ser um tema relativamente novo, foi encontrada certa dificuldade em conseguir bibliografias que falassem a respeito do jornalismo humanizado, sendo necessário fazer uso de artigos que, felizmente, já podemos ter acesso em quantidade suficiente de produções para embasar os estudos realizados.

Como citado anteriormente, o livro-reportagem e sua relação com o jornalismo humanizado não foi o primeiro tema sugerido para trabalhar, mas, acessar o conteúdo dos livros-reportagem trazidos para a análise desta monografia, fez com que a ideia de ampliar a discussão sobre a humanização de narrativas e personagens pudesse ser uma maneira importante de trabalhar o fazer jornalístico.

O interesse pela abordagem mais humana na área jornalística é trazida de forma interessante e sucinta pelo jornalista Alessandro Emergente, em seu artigo para o Observatório da Imprensa, que aborda, justamente, o caso da Chapecoense e sua grande cobertura jornalística. Emergente destaca que:

A proximidade com as vítimas, seja por laços pessoais ou profissionais, levou, no caso da cobertura do acidente aéreo envolvendo colegas da imprensa, os jornalistas, em alguns momentos, a abandonarem – não no sentido voluntário – a postura impessoal e de isenção. Afinal, não somos máquinas programadas para cumprir o ofício sem qualquer interferência de nossa história de vida, descolados das relações sociais (EMERGENTE, 2016, S/P).

É muito importante que tenhamos essa noção não apenas do que deve ser noticiado, mas, principalmente, da forma como fazemos essa curadoria de informação e veiculação dos fatos para a população que depende do profissional do jornalista para saber do que está acontecendo ao seu redor.

A emoção faz parte da natureza humana e deixar que isso transpareça é, muitas vezes, necessário para que a empatia seja resgatada diante do público das diferentes mídias. Sobre a importância de manter o foco no humano ao mesmo

tempo em que a pauta que não deve ser ignorada ou elaborada de forma impensada, Alessandro Emergente afirma que:

Se comunicar é preciso, informar é fundamental. Quando a maioria da população for a pauta principal, sem dúvidas haverá uma importante transformação social. Afinal, um país desenvolvido é formado, principalmente, de gente instruída, informada e humanizada (EMERGENTE, 2016, S/P).

Quando abordamos a humanização, não podemos deixar de mencionar Edvaldo Pereira Lima, grande nome do Jornalismo Literário, que em seu livro *Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, conceitua o tema:

A humanização é outra marca distinta do jornalismo literário que cai bem com o livro-reportagem. Toda boa narrativa do real só se justifica se nela encontramos protagonistas e personagens humanos tratados com o devido cuidado, com a extensão necessária e com a lucidez equilibrada onde nem os endeusamos nem os vilipendiamos. Queremos antes de tudo descobrir o nosso semelhante em sua dimensão humana real, com suas virtudes e fraquezas, grandezas e limitações. Precisamos lançar um olhar de identificação e projeção humana da nossa própria condição nos nossos semelhantes, sejam celebridades ou pessoas do cotidiano (LIMA, 2009, p. 359).

É justamente esse “olhar de identificação e projeção humana” destacado por Lima (2009, p. 359) que devemos lembrar no momento em que trazemos uma notícia para o grande público.

3 LIVRO-REPORTAGEM

O livro-reportagem, com sua linguagem que acaba por aproximar leitor e escritor, chama a atenção do público, muitas vezes, justamente por suas narrativas fugirem da mesmice dos noticiários ou jornais diários, onde as abordagens costumam ser menos profundas e com data de validade muito curta em suas histórias. Claro, não é o caso de se criticar a forma de comunicação destes estilos, visto que a urgência também é muito importante quando existe a necessidade de informar com agilidade assuntos recorrentes.

O livro-reportagem não tem, a rigor, uma data de nascimento. Muito antes de seu conceito ser empregado nos círculos acadêmicos ou nas rodas de jornalistas, centenas de narrativas de não-ficção já haviam sido publicadas. Mesmo assim é possível estabelecer um ponto de partida aproximado: a reportagem em livro começou a ganhar força como subgênero da literatura na Europa do século XIX (BELO, 2016, p. 19).

Sobre optar por produzir conteúdo em um livro-reportagem, Vilas-Boas diz que

Quanto às entrevistas, o livro-reportagem escapa das fontes repetitivas, que, volta e meia, são chamadas a prestar depoimento sobre um determinado assunto. Ao contrário, no livro, as declarações vêm de uma grande variedade de segmentos sociais envolvidos com o tema e a angulação. No plano da elaboração/realização temporal, o livro não sofre pressões que possam limitar o caráter autônomo do autor, assim como não impõe uma linha datada e atual ao tempo do acontecimento (VILAS-BOAS, 1996, p. 90).

Vilas-Boas também aborda a temática do livro-reportagem de forma bastante explicativa e até mesmo extensa em um dos capítulos finais dizendo, entre outras questões levantadas, que

No livro-reportagem, o jornalista/autor é quem define a pauta. Em comparação com o jornalismo diário - e mesmo com o semanal -, a pauta do livro propicia uma série de liberdades, que Edvaldo Pereira Lima topifica em liberdade “temática, de angulação, de fontes, de tempo, do eixo de abordagem e de propósito (VILAS-BOAS, 1996, p. 69-72).

A forma como o livro-reportagem trabalha a passagem do tempo também é algo bastante interessante de se observar, visto que é comum que o autor transite pelo presente e passado para construir sua narrativa e trazer contexto ao leitor que acompanha a história de determinado personagem. Isso aproxima ainda mais a leitura e possibilita uma espécie de “mergulho empático” dentro da vida do

personagem narrado, gerando identificação ou repulsa, amor ou ódio, mas, dificilmente indiferença.

Vilas-Boas complementa:

Para compreender o presente, o livro-reportagem leva em conta o tempo histórico. Não significa que o jornalista (autor) realiza um trabalho de historiador. Primeiro porque não tem que se vincular ao passado. A narrativa pode ir e vir no tempo, fazendo, inclusive, um prognóstico futuro pelo desdobramento do presente. (...) O livro-reportagem pode receber o tratamento de um romance (histórico, epopéia ou viagem), à medida que não só conta uma história como também discute e insinua reflexões sobre o sentido do tema abordado (VILAS-BOAS, 1996, p. 88)

Eduardo Belo (2006) em sua obra *Livro-reportagem* também comenta a importância de narrativas mais aprofundadas dentro da área jornalística, visto que na programação diária dos jornais o público acabe se tornando alvo das chamadas *hard news*, notícias mais impactantes, que possuem papel importante na informação objetiva, mas, nem sempre não encontramos o mesmo cuidado:

Diariamente, os veículos desprezam o acompanhamento de boas histórias. No caso específico da violência, houve uma banalização tão grande, nos anos recentes, que em muitos casos o tema já não é mais notícia. Mas a cobertura da imprensa, de modo geral - do noticiário local à política, do esporte à economia - tem se tornado cada vez mais burocrática e superficial, obrigando os profissionais interessados na reportagem a procurar caminhos alternativos. Esse desencontro entre o anseio do público e o produto que a mídia impressa oferece tem sido responsável por uma série de equívocos. O maior deles talvez seja o mito de que o leitor não gosta de ler - associado, quase sempre, à ideia de que esse mesmo leitor não quer saber de histórias longas e não tem tempo para isso. Se é um leitor, por que não leria? (BELO, 2006, p. 14-15).

É interessante perceber o papel do “jornalismo escrito” na construção de conteúdos, pois,

(...) Até o texto do rádio e da televisão, antes de chegar ao espectador, em geral passa antes pelo papel ou no mínimo por uma tela de computador. Mesmo a internet, com todos os seus recursos gráficos, de som, imagem e movimento, é essencialmente escrita. Todas as evidências são de que o texto, impresso ou eletrônico, continuará fazendo parte da vida humana por algum tempo. Ainda não se inventou meio de comunicação mais eficaz, duradouro e seguro que a escrita (BELO, 2006, p. 15).

A escrita enquanto produção de conhecimento tende a dar suporte para que produções como os livros-reportagem se mantenham como objeto de interesse daqueles que buscam por boas histórias e, principalmente, histórias reais.

Muitos dos grandes profissionais, descontentes com os rumos das redações, tomaram, espontaneamente, a iniciativa de trilhar o caminho solo.

Passaram a colaborar com algumas publicações, a produzir publicações institucionais e a, eventualmente, produzir livros-reportagem (BELO, 2006, p. 17).

A questão sobre o livro-reportagem enquanto produção feita por jornalistas formados academicamente ainda é um ponto que pode ser analisado, pois, nem sempre essa é a realidade dos livros que encontramos. A trilogia de livros-reportagem composta pelos títulos *Estação Carandiru*, *Carcereiros* e *Prisioneiras*, por exemplo, foi escrita por Drauzio Varella, médico oncologista e não um profissional formado em Jornalismo, com grande contribuição para a cena literária a partir de seus relatos.

Mesmo que nem todos os livros-reportagem sejam escritos por repórteres e jornalistas de fato, Lima (2009) traz o seguinte questionamento a respeito:

O que nos leva a aceitar a ideia de que o livro-reportagem é um subsistema do jornalismo? Basicamente, a função que o livro-reportagem exerce, apesar de matizes particulares, procede, essencialmente, do jornalismo como um todo. Os recursos técnicos com que essa função é desempenhada provêm do jornalismo. E o profissional que escreve o livro-reportagem é, quase sempre, um jornalista. Isto é, um comunicador social formado sob a concepção da prática de uma atividade específica de comunicação. Por conseguinte, a realidade essencial do livro-reportagem é determinada a partir das características e dos princípios que regem o jornalismo como um todo (LIMA, 2009, p. 10-11).

Ainda que para essa monografia tenham sido elencados apenas três tipos de estilo dentro do grande tema que é o livro-reportagem, é importante saber que “A variedade de livros-reportagem existentes, distintos quanto à linha temática, aos modelos de tratamento narrativo, conduz à possibilidade de classificá-los em diferentes grupos” (LIMA, 2009, p. 51).

O autor vai além, e elenca outros tipos de livro-reportagem que podemos encontrar. Abaixo, a classificação retirada, na íntegra, das páginas 52 e 57 de sua obra *Páginas ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, anteriormente mencionada:

- Livro-reportagem perfil: trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse. No primeiro caso, trata-se, em geral, de uma figura olimpiana. No segundo, a pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão. Uma

variante dessa modalidade é o livro-reportagem-biografia, quando um jornalista, na qualidade de *ghostwriter* ou não, centra suas baterias mais em torno da vida, do passado, da carreira da pessoa em foco, normalmente dando menos destaque ao presente.

- Livro-reportagem depoimento: reconstitui um acontecimento relevante, de acordo com a visão de um participante ou de uma testemunha privilegiada. Pode ser escrito pelo próprio envolvido, - geralmente com a assistência de um jornalista - ou por um profissional ou por um profissional que compila o depoimento e elabora o livro. Apreende-se, daí, que o tom é passar ao leitor uma narrativa quente, com bastante clima de bastidores, movimentada. Por isso, seu estilo é, normalmente, o da *action-story*.
- Livro-reportagem denúncia: com propósito investigativo, esse tipo de livro apela para o clamor contra as injustiças, contra os desmandos dos governos, os abusos das entidades privadas ou as incorreções de segmentos da sociedade, focalizando casos marcados pelo escândalo.

4 METODOLOGIA

Como mencionado na introdução desta monografia, a metodologia escolhida para trabalhar a temática do livro-reportagem enquanto objeto de estudo e ferramenta para o exercício do jornalismo humanizado, foi a Pesquisa Qualitativa, utilizando como ferramenta a Pesquisa Bibliográfica, que fundamentou a escolha dos livros mencionados ao longo do trabalho, tanto sob a forma de referências essenciais para a realização deste projeto, quanto as obras elencadas para análise.

Para definir qual seria o melhor método para trabalhar a temática do livro-reportagem, foi necessário entender qual o objetivo de trazer essa discussão da humanização de relatos, por exemplo. Segundo Jorge Barros e Antonio Junqueira na obra *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*:

A definição dos procedimentos metodológicos é um dos grandes desafios no processo de elaboração do projeto e do próprio trabalho final. A literatura em métodos e técnicas de pesquisa é ampla e muitos pesquisadores iniciantes perdem-se com a quantidade de títulos e opções disponíveis, com a variedade de técnicas de coleta de dados e até com diferentes nomenclaturas utilizadas pelos autores da área. (...) Na monografia, dissertação ou tese, os passos metodológicos deverão ser bastante detalhados, mas no projeto a tarefa mais importante é identificar o método a ser empregado ou as técnicas para coleta e análise do material de pesquisa e ter consciência de sua validade e limitações (BARROS e JUNQUEIRA, 2001, p. 44-45).

A Análise de Conteúdo foi o método escolhido para comprovar, total ou parcialmente ou até mesmo refutar, se for o caso, as hipóteses apresentadas.

4.1 Pesquisa qualitativa

Para a elaboração do projeto aqui descrito, optou-se pela pesquisa qualitativa, por ser considerada a mais adequada ao perfil do trabalho pretendido, uma vez que nos interessa a análise em profundidade do nosso corpus, o que não ocorreria se tivéssemos em mãos grande quantidade de material.

Por pesquisa qualitativa entende-se, de acordo com Arilda Schmidt Godoy (1994), em seu artigo *Pesquisa Qualitativas: tipos fundamentais*

A pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes. Algumas características básicas identificam os estudos denominados “qualitativos”. Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode

ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada.

Em relação aos diversos caminhos que uma pesquisa qualitativa pode seguir para a trabalhar o tema escolhido, elencou-se como primeira etapa a revisão bibliográfica de teorias relacionadas ao assunto em questão, para compreender os gêneros textuais apresentados nos três livros escolhidos para análise na monografia.

4.2 Escolha do corpus

Como já trazido na introdução desta monografia, os gêneros encontrados nas obras elencadas para a presente análise, foram Carta, Depoimento e Memória.

4.2.1 Cartas

O primeiro recurso que escolhemos previamente para análise na monografia foi o gênero textual Carta. Segundo João Bosco Medeiros (2017), no livro *Como escrever textos - gêneros e sequências textuais*

Para Bazerman (2011b, p. 94), no mundo clássico, a carta servia para mediar a distância entre dois indivíduos e constituía um espaço transacional aberto, que podia ser especificado, definido e regularizado de muitas maneiras diferentes. As relações entre enunciador e enunciatário podem ser vistas diretamente por meio das saudações, assinatura e conteúdo da carta (BOSCO, 2017, 253).

Em um primeiro momento, como exemplo de livro do gênero cuja narrativa seria observada, tínhamos a obra *Cartas de Isabella* (2018), onde a jornalista Isabella Ibarbroyen compartilha sua coleção de cartas endereçadas ao seu ex-namorado, o também jornalista Giovane Klein, uma das vítimas do acidente com o avião da delegação da Chapecoense, em 2016, sendo então, uma produção elaborada para um destinatário apenas e colocada ao alcance do público leitor.

Alguns livros além desse de Isabella foram consultados, como *Cartas perto do coração* (2011), que conta com a troca de cartas entre dois escritores: Fernando Sabino se corresponde com sua amiga Clarice Lispector; e a coleção de cartas reunidas por Emily Trunko em *Cartas secretas jamais enviadas* (2018), material que conta a história de várias cartas que foram escritas, mas, por razões que fogem ao conhecimento do leitor, os destinatários de cada texto jamais saberá o conteúdo dos mesmos, pois não os receberão.

Ainda que *Cartas de Isabella* tenha sido um dos títulos previamente escolhidos para análise, ao construir a presente monografia optamos por retirá-lo, pois já não pareceu condizente com o *corpus*, uma vez que evitávamos, justamente, a superficialidade ou o uso sensacionalista da emoção, presente nos veículos tradicionais.

4.2.2 Depoimentos

Para o segundo tópico de análise, temos os livros-reportagem que narram as histórias em forma de depoimento que, por vezes, chamaremos também de relato, contando ao leitor tudo o que viveram, como se estivessem no local do ocorrido no instante em que o livro foi escrito. Para essa seção, foram elencados dois livros, *Todo dia a mesma noite* (2018), de Daniela Arbex, que apresenta, em narrativa feita pela própria autora, somada a relatos de pessoas próximas das vítimas do incêndio na Boate Kiss, em Santa Maria, no ano de 2013.

Como auxílio para essa reflexão e análise, também foram utilizadas outras obras, como os relatos trazidos no livro *Cartas Para Julieta* (2012), de Lise Friedman e Ceil Friedman, que apresentam a história do *Club di Giullieta*, muito famoso na cidade de Verona, na Itália, por receber correspondências do mundo todo direcionadas à estátua de Julieta, protagonista da famosa história shakespeariana *Romeu e Julieta*, construída no local que, segundo a lenda surgida em Verona, teria o “poder” de auxiliar os apaixonados que lhe procuram para contar suas histórias ou pedir conselhos amorosos.

4.2.3 Memórias

O terceiro estilo narrativo analisado se baseia nas obras produzidas a partir de memórias relatadas pelos personagens de cada título que será comentado. Muito semelhante ao estilo depoimento, os livros que trazem memórias são mais pessoais e sem o compromisso de direcionar a narrativa para outros leitores, algo que costuma ser comum em diários pessoais.

A primeira obra analisada dentro do gênero memória foi o livro *Prisioneiras*, do médico oncologista e escritor Drauzio Varella, que conta em primeira pessoa

histórias distintas em cada novo capítulo, mas, sempre sobre a vida de cerca de duas mil mulheres que estão na Penitenciária Feminina da Capital, em São Paulo. Buscando focar na história de vida das detentas, Varella traz sua experiência enquanto ouvinte e confidente de suas pacientes.

A segunda leitura dentro do tema memória, que escolhemos analisar, foi *Rota 66*, título de autoria de Caco Barcellos, mencionado anteriormente em uma das leituras de apoio. Assim como em *Prisioneiras*, encontramos em *Rota 66* uma coletânea de histórias vividas por Barcellos e narradas em primeira pessoa, visto que ele participa ativamente enquanto personagem, com uma sutil diferença: nem todas as narrativas diferenciam a pessoa principal cuja história será contada. Diferentemente de Varella, que optou por jogar luz em histórias de várias apenadas na Penitenciária onde atua, Barcellos interliga narrativas e personagens que contam uma mesma história, porém, dividindo os capítulos em diferentes frentes, como uma morte pontual ou fatos importantes que compõem o que é contado.

4.3 Pesquisa bibliográfica

Essa monografia não seria possível sem que a pesquisa bibliográfica fosse realizada, pois, segundo Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi no livro *Fundamentos da Metodologia Científica*:

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de visão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas (MARCONI; LAKATOS, 2005, p. 85).

Dessa forma, para elaborar a revisão bibliográfica da monografia a ser produzida, foi feita uma revisão dos conteúdos de autores a respeito do tema escolhido, como História do Jornalismo e dos meios impressos; Análise e crítica aos meios de comunicação tradicionais; A questão do sensacionalismo e da mídia hegemônica; O Jornalismo literário, a corrente do Jornalismo humanizado; O suporte das cartas como norteador para novas formas de comunicação e o depoimento e a memória como ferramentas de reportagens humanizadas.

O gênero memória se manteve com *Prisioneiras* e *Rota 66*, ao passo que *Abusado: o dono do Morro Dona Marta*, também foi retirado deste trabalho para que a análise pudesse ser aplicada de forma minuciosa em capítulos específicos das obras selecionadas. Por ser mais extensa e não se subdividir em núcleos, diferente das outros livros, para analisar a narrativa de forma teórica poderia novamente passar pela superficialidade.

Por fim, para o tópico que analisa os livros baseados em depoimentos, continuamos com a obra *Todo dia a mesma noite*, de Daniela Arbex.

4.4 Análise de conteúdo

Partindo do conceito de Lakatos e Marconi (2005):

Analisar significa estudar, decompor, dissecar, dividir, interpretar. A análise, de um refere-se ao processo de conhecimento de determinada realidade e implica o exame sistemático dos elementos; portanto, é decompor um todo

em suas partes, a fim de poder efetuar um estudo mais completo, encontrando o elemento-chave do autor, determinar as relações que prevalecem nas partes constitutivas, compreendendo a maneira pela qual estão organizadas, e estruturar as ideias de maneira hierárquica (LAKATOS e MARCONI, 2005, p. 27-28).

Para que a análise pudesse ser elaborada, optou-se por seguir as seguintes etapas:

- Etapa 1: Leitura dos livros *Rota 66 - A História da Polícia que Mata; Prisioneiras* e *Todo dia a mesma noite*.
- Etapa 2: Fichamento bibliográfico das obras;
- Etapa 3: Identificação do gênero textual adotado em cada livro: carta, depoimento ou relatos baseados na memória.

Além disso, de acordo com a síntese de Anelise Rebelato Mozzato e Denize Grzybovski (2011, p. 735), encontrada no artigo *Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados qualitativos no campo da Administração: potencial e desafios*, que teve como referência a obra de *Análise de Conteúdo*, de Laurence Bardin (2006) existem três fases para realizar a análise de conteúdo, que serão descritas na íntegra a seguir:

- Fase 1: A pré-análise é a fase em que se organiza o material a ser analisado com o objetivo de torná-lo operacional, sistematizando as ideias iniciais. Trata-se da organização propriamente dita por meio de quatro etapas:
 - (a) leitura flutuante, que é o estabelecimento de contato com os documentos da coleta de dados, momento em que se começa a conhecer o texto;
 - (b) escolha dos documentos, que consiste na demarcação do que será analisado;
 - (c) formulação das hipóteses e dos objetivos;
 - (d) referenciação dos índices e elaboração de indicadores, que envolve a determinação de indicadores por meio de recortes de texto nos documentos de análise.
- Fase 2: A exploração do material constitui a segunda fase, com a definição de categorias (sistemas de codificação) e a identificação das unidades de

registro (unidade de significação a codificar corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade base, visando à categorização e à contagem frequencial) e das unidades de contexto nos documentos (unidade de compreensão para codificar a unidade de registro que corresponde ao segmento da mensagem, a fim de compreender a significação exata da unidade de registro).

A exploração do material consiste numa etapa importante, porque vai possibilitar ou não a riqueza das interpretações e inferências. Esta é a fase da descrição analítica, a qual diz respeito ao corpus (qualquer material textual coletado) submetido a um estudo aprofundado, orientado pelas hipóteses e referenciais teóricos. Dessa forma, a codificação, a classificação e a categorização são básicas nesta fase (BARDIN, 2006).

- Fase 3: A terceira fase diz respeito ao tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Ocorre nela a condensação e o destaque das informações para análise, culminando nas interpretações inferenciais; é o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica (BARDIN, 2006).

Com base na relação de procedimentos descrita, assim foi realizada a análise, bem como os tópicos e hipóteses que foram observados e respondidos para que, então, os livros-reportagem possam ser percebidos de forma eficiente para esta monografia.

5 ANÁLISE

Carta, depoimento e memória são os estilos narrativos encontrados na construção dos livros-reportagem que analisamos. Em uma pré-seleção, escolhemos cinco livros para a análise. Ao final da construção da monografia, foi percebido que três deles poderiam ter mais relevância para o trabalho.

5.1 *Rota 66: a história da polícia que mata*

1 - Identificação do gênero textual: livro-reportagem de gênero memória

A leitura de *Rota 66* foi feita sem o compromisso de que ele fizesse parte da monografia de forma direta, mas, a obra abre nossa visão para a questão do jornalismo policial de maneira impactante e que nos faz questionar a forma como os personagens de notícias relacionadas a crimes ou tragédias são “pintados” por seus narradores.

Caco Barcellos relata tudo que viveu, desde muito antes do período em que se tornou jornalista, e a forma como trata cada um de seus personagens nos faz lembrar da necessidade de o jornalismo ser feito por profissionais que buscam o viés humanizado de suas histórias. O modo como o livro expõe e costura as histórias traz um enredo muito interessante para o leitor.

Algo que cabe ressaltar e que chama a atenção para a importância de se produzir um material como o livro-reportagem, é a questão de como a obra tem poder de, por vezes, alterar a maneira que encaramos as notícias policiais atualmente, por exemplo.

No livro, é comum nos depararmos com diversas histórias de jovens tendo suas vidas encerradas abruptamente e seus corpos removidos da cena do crime, ao mesmo tempo em que sua reputação é distorcida sob a alegação de que eram criminosos e haviam trocado tiros com os policiais ou apresentado alguma resistência na abordagem da polícia. Muitos relatos afirmam que a maioria desses jovens não era de fato criminoso, não possuía arma e nem apresentava sinais de pólvora nas mãos, mas, mesmo assim, nada disso constava na versão final da polícia.

Estamos em 2019 e muitas notícias contam essa mesma história. Continuamos sabendo de vidas que foram ceifadas e envolvidas em histórias confusas que levaram cada uma dessas pessoas a deixar de existir.

Assim como no livro *Prisioneiras*, que será analisado mais adiante, aqui vemos histórias de pessoas que transitam pelo meio policial e carcerário, cenário distante da maioria das pessoas e, talvez por isso, ambiente que traz em si a curiosidade de sabermos como é viver em tais condições. Sendo assim, ao longo da leitura é possível sentir certa empatia por cada uma de suas histórias.

Caco Barcellos expõe de forma clara e corajosa a maneira desumana como são tratados os jovens mortos ao longo de cada história apresentada. São histórias ricas em detalhes, seja pela quantidade de tiros que cada corpo recebeu ou a forma fria e mecânica que cada policial escolheu agir. Indignação e angústia são sentimentos recorrentes ao longo das páginas escritas por Caco, trazendo em cada linha uma forma de alerta para com a maneira como as histórias podem ser contadas e que nem sempre as versões oficiais são as que apresentam a realidade.

O jornalista se inclui como personagem em *Rota 66*, afinal, ele é papel fundamental para descobrir e pesquisar mais a fundo sobre cada um dos mortos que, juntos, somaram números muito superiores às grandes tragédias mundiais. A forma como desafia as autoridades da polícia, sempre insistindo para saber informações exatas e sem distorções, revela não só um jornalista comprometido com seu trabalho, mas alguém que não aceita a realidade em que se vê envolvido durante suas pesquisas feitas de forma independente de qualquer apoio de grandes empresas de notícia da cidade.

A seguir, traremos trechos retirados de quatro capítulos dispostos ao longo das três seções em que o livro se divide, sendo elas *Rota 66*, *Os Matadores* e *Os Inocentes*, que entendemos ser os mais relevantes para a análise, para assim buscar a verificação do objeto livro-reportagem enquanto ferramenta do jornalismo humanizado.

Reservada aos heróis

Nossa dúvida é justificável. Mesmo na hipótese de os três rapazes serem criminosos, eles não têm o perfil do inimigo que a Rota costuma perseguir. Muito

simples: eles são ricos (1). Os PMs do patrulhamento das cidades brasileiras são orientados pelo comando de militares do Exército Nacional, que tem uma visão deformada do conceito de segurança pública. Obrigam seus comandados a praticar, com prioridade, a defesa da propriedade dos mais ricos. O resultado é o que se vê diariamente nas ruas. Uma perseguição violenta e sistemática exclusivamente contra o que eles chamam de **marginal**: o cidadão proveniente da maioria **pobre** que causa **prejuízo à minoria rica** da sociedade (2).

(1) Damos início à análise com uma frase que chama a atenção pela capacidade analítica do jornalista Caco Barcellos ao denunciar esse tipo de ação preconceituosa por parte dos policiais, algo que o jornalismo tradicional procura evitar. O enfrentamento que a reportagem faz em relação à forma questionável que a polícia age é o que traz ao leitor o exercício de humanização. Em todo o trecho nos deparamos com a informação de que a Rota (Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar, grupo dentro da Polícia Militar de São Paulo) costuma perseguir um tipo de “alvo”, já sinalizando o tipo de abordagem violenta para com os indivíduos que se enquadram nesse estereótipo. O que nos faz pensar que a Rota opte por atacar os mais pobres é, muito provavelmente, porque a grande maioria não possui grande nível de instrução e nem condições de pagar por advogados em casos de abuso de autoridade, por exemplo. Jovens pobres são vistos como inimigos passíveis de se eliminar e não como parte integrante da comunidade em que vivem.

(2) No segundo trecho destacado temos mais um indicativo do que poderia ser novamente uma forma de estereotipar determinada figura que costuma ser alvo da polícia, comentada no trecho 1. Assim como dito por Belo (2006, p. 14-15), “houve uma banalização tão grande, nos anos recentes, que em muitos casos o tema já não é mais notícia (...) obrigando os profissionais interessados na reportagem a procurar caminhos alternativos”, e é isso Barcellos faz ao apresentar essas histórias em sua obra. Entende-se que a polícia está preocupada em proteger aqueles que pertencem às classes mais ricas da sociedade, guardando suas vidas como verdadeiros bens, ao passo que o jovem pobre é tido como alguém marginalizado. É importante se atentar para a palavra “prejuízo”, se referindo a uma espécie de problema que a

simples existência deste jovem pode representar para os que são ricos. Como isso pode ser visto como natural e nada preconceituoso ou elitista? A condição financeira é o que delimita onde começa e onde termina o direito de ir e vir e, até mesmo, de seguir vivendo para essas pessoas. Diferente de uma leitura passiva, Rota 66 traz em si muito do que o livro-reportagem desperta em quem o lê: um pensamento mais crítico acerca deste cenário que lhe é apresentado.

“Não atirem!”

Um tiro atravessa o braço direito erguido para proteção do rosto. Outro tiro fratura a perna esquerda. Dois disparos atingem o peito, ferimentos fatais no lado do coração. Pancho cai de bruços. Agora está sendo metralhado pelas costas. Um tiro penetra na sola do pé. O **corpo** ainda se mexe. Pontaria na nuca, em seguida mais um disparo **fatal**: Pancho, o forte, não se movimenta mais (3).

Francisco Noronha, caído no chão, apenas respira, enquanto os PMs avançam em sua direção, atirando contra o seu corpo. A perna esquerda é atingida por quatro tiros de metralhadora. Os braços e o tronco também são perfurados. Foram cinco ferimentos na parte superior do corpo. Um deles na mamila (sic), provavelmente provocado por um disparo dos policiais no momento em que Noronha **gritava não atire**, com as mãos sobre a cabeça. Mesmo baleado **nove vezes**, Francisco Noronha ainda respira (4). Um dos PMs chega bem perto. Dispara dois tiros. Um ao lado da boca. O outro, disparado a 1 metro de distância, atinge o peito, em cima do coração.

(3) Aqui temos um trecho que traz em detalhes a maneira como uma das vítimas é ferida até perder sua vida. O detalhamento dessa execução é uma denúncia clara do abuso policial já sugerido anteriormente então, mesmo que pareça uma cena chocante demais ao leitor, ela parece cumprir uma função importante, ao chamar a atenção da sociedade para a violência cometida pelos supostos “defensores da lei”.. É pertinente questionar a exposição do nome do jovem, pois, é preciso também pensar em como os familiares de Pancho (a vítima apresentada) podem receber esse fluxo de informações sobre sua morte. Ainda assim, parece ser justificável que o procedimento policial fora das normas venha à tona.

(4) O mesmo acontece com o grande detalhamento na forma como Francisco Noronha foi atacado. O número de disparos, as armas utilizadas, tudo isso impacta de forma muito profunda não só aqueles que não conhecem o jovem e estão recebendo tal informação através do livro, mas, principalmente todos que o conheceram e tinham algum vínculo ou afeto pela vítima. A vontade de trazer a “cruza” dos fatos acaba por ser muito invasiva, mas parece cumprir uma função que a mídia convencional não faz, sujeita às pressões do poder do Estado.

Assim, entendo que a forma crua como apresenta os fatos, o nome de todos os envolvidos e os detalhes do que precede um ser vivo se tornando apenas mais um corpo no chão, não é feita de forma sensacionalista, mas, sim conscientizadora, pois, como já trazido por Angrimani Sobrinho (1995, p. 7), “Sensacionalista é a primeira palavra que a maior parte das pessoas utiliza para condenar uma publicação”, ainda que o fato de acusar uma publicação de sensacionalismo possa ser um reflexo do pensamento crítico do leitor que foi tocado por tal material.

Ficamos chocados a todo novo relato, disso não se tem dúvida, mas, compreende-se que não haveria forma melhor (se é que melhor pode ser uma palavra a se aplicar nesse contexto) de retratar as cenas de horror do que se costuma compreender como genocídio instituído do negro e do pobre no Brasil

5.2 *Todo dia a mesma noite*

1 - Identificação do gênero textual: livro-reportagem de gênero depoimento

Todo dia a mesma noite foi escrito pela jornalista Daniela Arbex com o intuito de trazer para o público a história de todos aqueles que, de alguma forma, foram vítimas do incêndio da Boate Kiss, localizada na cidade gaúcha de Santa Maria, na madrugada de 27 de janeiro de 2013. O livro foi dividido em 16 capítulos, sendo cada um com foco em uma família, vítima e história diferentes, mas, como não poderia deixar de ser, todas as narrativas se interligam, trazendo a dimensão da tragédia para quem adentra cada relato. Para esta análise, separamos trechos de sete capítulos específicos, que julgamos mais adequados para nossa pesquisa.

Diferentemente de Caco Barcellos em *Rota 66* (e também de Drauzio Varella em *Prisioneiras*, como veremos mais adiante), não há a participação de Daniela Arbex enquanto personagem, pois a mesma não estava presente quando os fatos ocorreram. Sendo assim, a jornalista atua como narradora que entrelaça histórias e contextualiza o leitor com informações que traz de suas pesquisas e conversas realizadas para elaborar o material.

Assim como apresentado no primeiro livro analisado, a seguir temos a seleção de trechos:

É guerra!

Havia inúmeras pessoas gritando, transtornadas, e vários jovens caídos no chão recebendo massagem cardíaca de outras vítimas em melhor estado. Muita gente chorava. (...) O médico começou a atender os sobreviventes na rua; porém, àquela altura, já havia mais de cinco pessoas sem vida no asfalto. Quando examinou a boca de uma das vítimas, uma garota, levou um susto: uma fumaça preta saía de sua garganta. Os olhos estavam completamente brancos, queimados (5). (...) Jovens morriam na frente de todos, uma cena insuportável até mesmo para quem fora treinado para enfrentar situações-limite.

(5) Provavelmente um dos trechos mais impactantes que escolhemos trazer para a análise deste trabalho. Ler, com tal riqueza de detalhes, sobre o estado dos corpos encontrados logo no início das buscas, fere a imagem das vítimas na memória de seus familiares, já tão lesados emocionalmente pela tragédia. Encontra-se, neste ponto o jornalismo literário tendendo muito mais ao sensacionalismo do que, de fato, à narrativa literária. Como trazido por Pontes e Bezerra (2015), no jornalismo literário “A proposta agora é vivenciar o mais próximo possível as experiências do outro, praticando a etnografia se possível, para destacar não apenas fatos, mas sensações e emoções (PONTES e BEZERRA, 2015, p. 3)”, mas, Arbex acaba por assemelhar-se muito mais aos jornais populares da França do século XIX que abordavam questões de sofrimento e eram o que mais atraíam o público, segundo Angrimani Sobrinho (2013).

Um incêndio de tamanha magnitude já nos dá a dimensão de como os mais de duzentos corpos poderiam estar, sendo assim, não se faz necessário informar ao leitor de forma apelativa.

Desaparecidas

Após serem retirados do caminhão, os jovens foram **enfileirados** no Ginásio Esportivo Professora Gisele Borin (dentro do CDM), cujo chão fora recoberto de luto — uma **lona preta** sobre o piso azul e laranja da quadra de futebol de salão (6).

(6) A forma como o trecho analisado foi construído nos leva diretamente para a madrugada de 27 de janeiro e o jogo de palavras com o luto do momento em que os corpos iam sendo enfileirados se mistura à imagem de luto representada pela lona preta colocada no local para receber esses mesmo corpos das vítimas. Aqui, para além da possibilidade do leitor imaginar a cena descrita com tais elementos, “a pauta do livro propicia uma série de liberdades, que Edvaldo Pereira Lima topifica em liberdade “temática, de angulação, de fontes, de tempo, do eixo de abordagem e de propósito (VILAS-BOAS, 1996, p. 69-72). Tem-se, então, o bom uso da linguagem ao relatar tais cenas, sendo impactante e ao mesmo tempo sutil.

O corpo número vinte

O forte **odor** que Vanda sentiu a deixou impactada. O ginásio tinha cheiro de fumaça e de **carne queimada** (7).

(7) Cheio de relatos extremamente detalhados, o trecho número 7 talvez seja só menos dilacerador do que a cena minuciosamente compartilhada com os leitores no relato de número 5, já analisado nesta monografia. Ao se utilizar de palavras que trazem o sentido do olfato à tona, o leitor é transportado novamente ao local do incêndio (se é que é possível abandonar a cena durante a leitura) e mesmo que inconscientemente passa a associar seu pensamento a algum aroma que lembra carne queimada. Mesmo que nunca tenha presenciado um incêndio, o cheiro da fumaça surge no imaginário de quem lê. Mais uma vez temos aqui uma construção sensacionalista na forma de abordar as cenas relatadas. Arbex utiliza, sim, a

questão de ampliar o relato para aproximar o leitor e ambientá-lo, mas em contrapartida reforça a narrativa do horror e do detalhamento do sofrimento das vítimas do incêndio.

Com choro e sem vela

Muitos desconhecidos queriam demonstrar apoio, porém havia outros movidos apenas pela curiosidade. Por causa disso, Marise chegou a cobrir com um lenço o visor de vidro que deixava o rosto do filho à mostra. Não queria que ele fosse alvo de qualquer tipo de **especulação** (8). Em cima do caixão dele, os pais colocaram seu chapéu preto favorito e a bandeira do Rio Grande do Sul, que para Lucas não era apenas um símbolo, e sim um manto.

Yasmim Müller, namorada de Lucas e sobrevivente da Kiss, ficou o tempo todo ao lado do caixão. Muito emocionada, pôs o chapéu preto na cabeça, apoiando o rosto entre as mãos em cima da urna funerária. Fotografada por jornalistas que estavam no ginásio, a imagem dela acabou estampando a capa da revista Veja no dia 6 de fevereiro. O veículo foi alvo de críticas em todo o país. Os leitores acusaram a revista de ter usado uma modelo na foto, citando como “prova” as mãos da jovem, cujas unhas estavam pintadas de vermelho (9). Foi Yasmim quem, 24 horas antes de chorar sobre o corpo de Lucas, fizera as próprias unhas na casa de Marise para comemorar o seu aniversário na boate.

(8) A história de Marise foi destacada por ser bastante semelhante ao tipo de atitude que o público tem ao presenciar uma matéria sensacionalista na televisão ou uma manchete do gênero em um jornal. O fato de um grande número de pessoas ter ido até o local onde os corpos aguardavam por reconhecimento dos familiares demonstra como parte do senso de humanidade foi perdido, visto que não havia preocupação genuína com os familiares que lá estavam, mas, sim, a curiosidade em acompanhar de forma próxima toda a tragédia.

(9) O papel do jornalismo e a possível visão sensacionalista que o público costuma ter, em relação à cobertura de tragédias, se mostra presente nesse trecho, pois, nos traz um exemplo prático falando sobre a reação para com a foto escolhida para a

capa do jornal que relatava o incêndio. Arbex traz ao leitor a informação sobre de quem se tratava a pessoa fotografada e nos abre a questão da relação entre o público que estava recebendo a informação e ao mesmo tempo reagindo com críticas sem saber ao certo se eram cabíveis, já que

“(...) o leitor (o telespectador, o ouvinte) entende sensacionalismo como uma palavra-chave que remete a todas as situações em que o meio de comunicação, no entender dele, tenha cometido um deslize informativo, exagerado na coleta de dados (desequilibrando o noticiário), publicado uma foto ousada, ou enveredado por uma linha editorial mais inquisitiva (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 7).

Quarenta segundos

Quarenta segundos depois do início das chamas, a fumaça preta já encobria inteiramente o ambiente. Todos os exaustores estavam obstruídos, impedindo a dispersão da fumaça. Ninguém enxergou mais nada. Em seguida, as luzes se apagaram. O pânico tomou conta dos jovens (10).

Pensando tratar-se de uma briga generalizada, Marfisa Soares Caminha, que trabalhava na Kiss como caixa, trancou a porta de acesso ao cômodo em que estava, na tentativa de se proteger. Ela morreria ali, a menos de um metro da saída (11).

Sem radiocomunicadores, seguranças da boate que não sabiam o que estava acontecendo fecharam as portas para impedir que os frequentadores saíssem sem pagar a comanda de consumação. Desesperados, os jovens informaram sobre o incêndio. Sem visibilidade para o palco, eles demoraram alguns segundos para liberar a saída (12).

(10), (11) e (12): Temos aqui o relato dos últimos momentos de algumas das vítimas antes de a grande tragédia de fato acontecer. A narrativa de Daniela Arbex transporta para o salão incendiado. Tomamos conhecimento de outros personagens, do grande pavor que os atordoou até desfecho desta história e também somos lembrados da atitude tomada pelos seguranças do local, fato amplamente discutido na época do incêndio. O trecho 10 tem como destaque a palavra pânico que, assim como toda a frase em destacada no trecho 11, em muito remete à maneira de abordar assuntos lembrada por Angrimani Sobrinho (1995) ao pontuar o sofrimento e

a forma crua de assuntos que os “canards” franceses apresentavam, como “cadáveres cortados em pedaços, queimados, enterrados”. (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 13), como já dito neste trabalho. Por outro lado, denuncia questões de falhas de segurança que são importantes para um jornalismo mais crítico, que possa levar a mudanças concretas e não apenas ao terror, por isso se mostra um trecho válido.

Arbex nos faz voltar ao final de janeiro de 2013 em um mergulho direto nas cenas que contam a tragédia da Boate Kiss, na cidade de Santa Maria, e apresenta a história de profissionais, vítimas e alguns dos familiares que perderam seus filhos. A quantidade de detalhes em relação ao estado em que os corpos são encontrados ao longo da narrativa é por vezes desnecessária e pode, sim, ferir a imagem que os familiares das vítimas gostariam de preservar em suas memórias.

Mesmo que em alguns momentos seja possível ter momentos de consternação ao “presenciar” tais cenas, a forma como Arbex escolheu apresentar todos os fatos e relatos dos familiares serve para deixar o leitor imerso no conteúdo e próximo de cada personagem, pois, as reflexões e até mesmo críticas produzidas ao ler esse livro é fruto da empatia e identificação que a narrativa nos apresenta.

O excesso de detalhamento sobre o estado dos corpos, por exemplo, pode fazer com que a narrativa caia, sim, no campo sensacionalista dos mesmo “canards” franceses, mesmo que sua intenção possa ser a de chocar para informar e provocar alguma mudança, visto que traz ao leitor a forma como ocorreu o acidente, o nome dos acusados e das vítimas, o tipo de material utilizado no revestimento da Boate Kiss, as medidas de segurança que não foram devidamente tomadas e mesmo assim o local se manteve funcionando até o fatídico dia.

Ao virar a última página de *Todo dia a mesma noite*, certamente o leitor já não será mais o mesmo que era quando tomou o livro em suas mãos pela primeira vez.

5.3 Prisioneiras

1 - Identificação do gênero textual: Livro-reportagem de gênero memória

Prisioneiras é o livro que encerra a trilogia de relatos carcerários escrita por Drauzio Varella, vindo após *Estação Carandiru* e *Carcereiros* e que conta, incluindo apresentação e epílogo, com 42 capítulos que refletem a vida das detentas na Penitenciária Feminina do Estado de São Paulo.

A hierarquia

Nas prisões femininas as leis são semelhantes, assim como a hierarquia é estabelecida pelo mesmo processo de competição e seleção natural, com a diferença de que o respeito a ela é mais frouxo. Quase por instinto de sobrevivência, a mulher é mais avessa à **submissão** aos superiores: desde criança aprende a subverter a ordem, de forma a moldá-la aos **ensejos pessoais** sem dar a impressão de rebeldia, se possível (13).

(13) No trecho em questão, o autor nos traz a possível razão para as apenadas tomarem para si um comportamento veladamente rebelde, onde agem dissimuladamente para obter aquilo que desejam com suas ações. Varella traz de forma mais analítica e menos sensacionalista a questão antropológica dentro da situação limite de uma vivência em cárcere. Apresenta um olhar mais reflexivo, e convida o leitor a desenvolver um pensamento mais crítico a partir das reflexões lidas na obra, desempenhando o papel de um jornalismo mais humanizado de fato.

Gaiolas, galeria e celas

Para desencorajar tentativas de suicídio e assassinatos, duas telas de arame grosso ficam estendidas em toda a extensão dos vãos entre o primeiro e o segundo e entre o terceiro e quarto andares. Um **corpo** que porventura caia ficará obrigatoriamente retido na tela do andar de baixo (14).

O interior das celas é bem cuidado. Raro encontrar uma cama desarranjada, bagunça de roupas, sujeira ou objetos espalhados ao acaso. A ausência de xadrezes coletivos, como aqueles dos Centros de Detenção Provisória, que chegam

a enjaular mais de vinte homens, ajuda a explicar a ordem, mas o gosto das mulheres por manter a casa limpa e bem-arrumada é a razão principal (15). Nas paredes, fotos de cantores populares, atrizes e atores das novelas e imagens dos familiares, com destaque para os filhos.

(14) Diferentemente dos outros dois livros aqui analisados, Varella traz em *Prisioneiras* uma linguagem mais leve para apresentar tais histórias e se utiliza de uma visão mais reflexiva, até mesmo em relação à estrutura da penitenciária. Assim como dito por Vilas-Boas (1996), (...) O livro-reportagem pode receber o tratamento de um romance (histórico, epopeia ou viagem), à medida que não só conta uma história como também discute e insinua reflexões sobre o sentido do tema abordado (VILAS-BOAS, 1996, p. 88), e é o que vemos em *Prisioneiras*, pois, o autor também aponta de maneira informativa para o cenário que compõe os acontecimentos que vivencia, permitindo que leitor, faça suas reflexões e enxergue de forma mais crítica e menos passional realidades que podem diferir daquela que está acostumado.

(15) O que pôde ser observado na análise do trecho 17 volta a ser parte da imagem que a narrativa nos apresenta: a questão do papel da mulher esperado pela sociedade e de como ela age em relação aos trabalhos domésticos relacionados a ela desde sempre. Ali conhecemos a história de presidiárias que passaram por diversas situações problemáticas, mas, por se tratar de mulheres, curiosamente continuam carregando a questão das tarefas domésticas e do comportamento de organizar e servir a um lar, mesmo que estejam dentro de uma cela. Assim como em *Rota 66*, primeiro livro-reportagem analisado nesta monografia, *Prisioneiras* mantém a humanização das personagens e de suas histórias pessoais, mas além de lhes conferir ares de empatia, também nos faz refletir sobre o que se espera de uma mulher independente do local em que ela se encontra - seja por escolha própria ou pelas adversidades de suas vidas.

Os filhos

A separação dos filhos é um martírio à parte. Privado da liberdade, resta ao homem o consolo de que a mãe de seus filhos cuidará deles. Poderão lhes faltar

recursos materiais, mas não serão abandonados. A mulher, ao contrário, sabe que é **insubstituível** e que a perda do convívio com as crianças, ainda que temporária, será **irreparável**, porque se ressentirão da ausência de **cuidados maternos**, serão maltratadas por familiares e estranhos, poderão enveredar pelo caminho das drogas e do crime, e ela não os verá crescer, a dor mais pungente (16).

(16) O último trecho de nossa análise reforça a grande pressão psicológica sofrida pelas detentas não apenas pelo duro ambiente do cárcere, mas, por todas as questões que permeiam a mente das mães que se encontram longe de seus filhos. O papel da mulher como pilar principal na criação dos filhos nos traz a informação de que muitas dessas mulheres não possuem apoio dos familiares e, em muitos casos, se encontram separadas do pai das crianças que, por razões que não se justificam, romperam laços também com os filhos e não apenas com a ex-mulher.

Aqui, somos convidados a refletir, mesmo que inconscientemente, sobre culpa, abandono, rompimento das noções básicas de um lar e o machismo. Ainda que não tenhamos conhecido pessoalmente as mulheres descritas por Varella, em um instante nos vemos próximos de suas histórias e nos compadecemos de suas lutas e dores. O livro-reportagem não possui finais felizes, a menos que a história tenha terminado de forma feliz na vida real, pois é disso que se trata. De nada sabemos além do que o que nos é relatado, por isso cabe apenas o papel do imaginário para que tenhamos alguma esperança em relação ao destino das apenas trazidas pelo autor.

Prisioneiras enquadra-se, portanto, como exemplo de obra no âmbito do Jornalismo humanizado, pois permite que seja feita não apenas a leitura do local onde os personagens se encontram, mas, também que o leitor tenha um panorama de suas histórias e produza, então, reflexões mais críticas acerca do que lhe foi apresentado a partir das narrativa.

Prisioneiras é um livro-reportagem de extrema importância para compreender não apenas a questão do cárcere feminino, como também o modo como a mulher é vista e tratada em ambientes de risco, dentro e fora das celas. Drauzio Varella nos faz passar pelos portões da Penitenciária Feminina junto com cada página dos relatos trazidos em seus anos de vivência com as detentas. Ao final do livro,

inclusive, temos acesso à imagens que retratam em cores, mas sem nenhuma alegria, a rotina de todos que passam pelos corredores daquele local.

Escolhemos trazer estas mesmas imagens, que podem ser vistas no Anexo B desta monografia, para dar maior dimensão ao que o trecho de cada análise buscou elucidar, pois, após conhecer a história de vida das mulheres trazidas por Varella, nos pareceu interessante que o local onde elas estão cumprindo suas penas fosse de conhecimento de todos que porventura tenham acesso ao presente trabalho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das principais razões para escolher a análise de livros-reportagem como temática para minha monografia foi o fato de perceber a forma extremamente violenta como as notícias têm sido veiculadas para a população. Não é exagero dizer que, diariamente, somos impactados por discursos sensacionalistas e de cunho totalmente apelativo, no que se refere à construção de uma matéria.

O que iríamos sentir ao tomar conhecimento de um fato que envolve pessoas ou lugares a que somos fortemente ligados se essa informação nos chegasse de forma fria e pouco cuidadosa?

Como dito em meu projeto, anexado ao trabalho aqui apresentado, busquei com minha monografia confirmar a relevância que o livro-reportagem é capaz de exercer para que o bom jornalismo siga sendo trabalhado de forma mais profunda, cativante, informativa e, principalmente, humana.

E foi exatamente isso que pude perceber nos trechos analisados, pois, a cada novo relato e personagem apresentado pelos autores e suas obras, me via refletindo acerca do que o futuro guardava para cada história contada. O livro-reportagem traz de forma muito verdadeira os fatos para o leitor e passeia pelo passado e o presente buscando contextualizar o leitor e não deixar que nenhum detalhe se perca na narrativa, fazendo com que aquele que tem acesso ao livro se questione e reflita sobre o possível final que cada personagem terá em sua história.

Sem saber, já havia tido contato com um tipo de livro-reportagem antes mesmo de iniciar meu projeto de monografia em 2018 e, antes disso, já percebia meu interesse por obras jornalísticas que abordam a realidade de pessoas que de uma forma ou outra fizeram parte de histórias marcantes. Assim foi com a tragédia da Boate Kiss em janeiro de 2013 e com a do avião que levava a delegação da Chapecoense para a Colômbia em novembro de 2016.

Percebi que meu envolvimento com as histórias era, sim, de ordem bastante emocional, mas, também notava uma vontade de saber sempre mais sobre quem eram as pessoas envolvidas, para além do sensacionalismo e espetacularização a que se transformavam suas vidas nas telas das televisões.

Estar atento é o mínimo. Ser empático e cuidadoso ao tratar das fontes, personagens que compõem a história não pode ser uma questão a se deixar de lado. É esta proximidade com o leitor, a imersão na narrativa apresentada e o “prender a atenção”, para além da informação passada, que essa monografia se propôs a trabalhar.

É importante lembrar os objetivos que motivaram a pesquisa e realização dessa monografia, pois, acredito, foram felizmente atingidos ao longo de todo o processo:

- Ampliamos as reflexões sobre a contribuição do estilo livro-reportagem para a criação de narrativas no jornalismo humanizado;
- Analisamos as narrativas que compõem os diferentes formatos de livros-reportagem escolhidos para a produção deste projeto e, posteriormente, da monografia;
- Observamos entre essas narrativas, informações sobre o processo de construção das reportagens, com seus desafios e diferenciais;
- Relacionamos os principais recursos de comunicação que diferenciam o livro-reportagem das formas tradicionais de noticiar;
- Elencamos propostas para um jornalismo humanizado a partir dos recursos observados nos livros-reportagem selecionados.

Além disso, as hipóteses levantadas para a elaboração deste trabalho foram classificadas de maneira que pudéssemos confirmá-las, total ou parcialmente ou, se fosse o caso, refutá-las ao longo da pesquisa e, a seguir, pode-se acompanhar o resultado de cada uma das suposições.

A primeira hipótese falava que o livro-reportagem tem como diferenciais do jornalismo tradicional o maior uso de depoimentos, seja através de cartas, entrevistas ou autobiografias, sendo esse em um estilo narrativo de diário íntimo. A hipótese se confirma, pois, foi com base nos relatos e vivências dos personagens que cada obra pôde ser construída, trazendo ao leitor toda a subjetividade contida na história e gerando empatia ou até mesmo identificação com as pessoas que se dispuseram a abrir suas vidas e dividir suas experiências com o autor.

Nossa segunda hipótese pressupunha que, diante da enxurrada de informação gerada pela multiplicação das mídias digitais, existe a necessidade de retomada do conteúdo mais analítico, detalhado e especializado, o que amplia o campo para o livro-reportagem. Ela também se confirma, visto o aprofundamento das histórias apresentadas em “Rota 66”, “Todo dia a mesma noite” e também em “Prisioneiras” de forma que uma matéria mais enxuta não teria capacidade para abarcar todos os detalhes e contextualizações necessários para compreender os acontecimentos em sua real importância.

Nossa terceira hipótese traz uma breve reflexão sobre o que está por vir em relação à forma como a informação será construída, ao dizer que o futuro do jornalismo impresso passa pela adesão a formas mais humanizadas de noticiar e que o livro-reportagem é uma delas. A hipótese se confirma parcialmente, pois, o impresso tende a ser cada vez mais enxuto e é possível que apenas um público mais engajado com o tema ou interessado pelas histórias ali contadas consumirá o conteúdo de um livro-reportagem.

Nossa quarta e última hipótese é de que a humanização não faz necessariamente parte do estilo livro-reportagem, já que alguns autores podem usar do oportunismo e também do sensacionalismo para aumentar o número de exemplares vendidos para ler suas histórias. Ela foi confirmada, pois em parte dos casos, como em *Todo dia a mesma noite*, de Arbex, há informações não analíticas, que se valem de detalhes sensacionalistas para apresentar algumas histórias.

Voltamos então com a resposta para a questão que norteou essa pesquisa e toda sua elaboração: Quais recursos narrativos utilizados no livro-reportagem e suas vertentes podem contribuir para a produção de conteúdo no jornalismo humanizado? Contexto, ambientação, empatia, identificação e liberdade na escolha de pauta, pois, como dito por Vilas-Boas (1996, p. 69-72) “No livro-reportagem, o jornalista/autor é quem define a pauta. Em comparação com o jornalismo diário - e mesmo com o semanal -, a pauta do livro propicia uma série de liberdades (...)”.

Ao iniciar minha pesquisa, busquei o entrelaçamento do jornalismo literário com o livro-reportagem, em conjunto com a humanização de casos dentro da área jornalística para, quem sabe, colaborar e até mesmo inspirar novas histórias e

olhares sobre aqueles que costumam ser numerados em estatísticas, mas nunca nomeados em suas próprias histórias.

Após me deparar com tais relatos contidos nas obras que escolhi analisar, senti ainda mais a necessidade de falar sobre a importância de contar as histórias de pessoas que passaram por algum trauma ou vivem em condições precárias e são tratadas como meros números em uma estatística.

Utilizar o método da análise de conteúdo foi fundamental para mostrar que as narrativas sensacionalistas e não humanizadas não contribuem para a produção efetiva de conhecimento e informação acerca dos fatos. Pelo contrário, tanto o clique quanto os pontos de audiência, infelizmente ainda tendem a se sobressair como mais importantes do que a preservação da imagem dos personagens apresentados.

Finalizamos este trabalho com uma frase de Edvaldo Pereira Lima (2009, p. 359) retirada da obra “O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura”, que sintetiza o objetivo de escolher o livro-reportagem como objeto de pesquisa e análise: “Toda boa narrativa do real só se justifica se nela encontramos protagonistas e personagens humanos tratados com o devido cuidado”.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Cláudio; ABRAMO, Cláudio Weber. **A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro**. São Paulo: Cia. das Letras, 1988. 277 p.

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, c1995. 157 p. (Novas buscas em comunicação).

ARNT, Hérís. **A influência da literatura no jornalismo: o folhetim e a crônica**. Rio de Janeiro: E-papers, 2002. 125 p.

BARDIN, Laurence (2006). **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1977)

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006. 139 p. (Coleção comunicação)

BRITO, Judith; PEDREIRA, Ricardo. **A força dos jornais: os 30 anos da Associação Nacional de Jornais no processo de democratização brasileiro**. Brasília: ANJ, 2009. 156 p.

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. 2.ed. São Paulo: Escrituras, 2005. 180 p. (Coleção ensaios transversais)

COÊLHO, Tamires. **Sensacionalismo travestido de jornalismo policial**. Teresina, 5 jun. 2012. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/_ed697_sensacionalismo_travestido_de_jornalismo_policial/>. Acesso em: 25 abr. 2019.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. São Paulo: Coletivo Periferia, 2003. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>>. Acesso em: 28 maio 2019.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. São Paulo Atlas 2011 1 recurso online.

EMERGENTE, Alessandro. **Não somos máquinas!**. Observatório da Imprensa, [S. l.], p. 1, 19 dez. 2016. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/nao-somos-maquinas/>>. Acesso em: 31 maio 2019.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa: Tipos fundamentais**. 1994. 10 f. Artigo (Professora)- UNESP, Rio Claro, 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

GRIGOLO, Domenique Pastore. **"O prazer e o poder de escrever". Leia a entrevista com o professor Edvaldo Pereira Lima**. Acervo UCS Notícias, Caxias do Sul, p. 1, 4 abr. 2012. Disponível em: <<https://www.ucs.br/site/ucs/noticias/1333978986>>. Acesso em: 4 jun. 2019.

IG SÃO PAULO. **Catraca Livre usa tragédia com a Chape para ganhar audiência e gera revolta**. São Paulo, 30 nov. 2016. Disponível em: <<https://esporte.ig.com.br/futebol/2016-11-30/catraca-livre-chapecoense.html>>. Acesso em: 29 maio 2019.

INTERVOZES, Coletivo. **Quem somos**. São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://intervozes.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

INTERVOZES, Coletivo. **Comunicação Pública e Popular**. São Paulo, 2019. Disponível em: <<http://intervozes.org.br/comunicacao-publica/>>. Acesso em: 14 out. 2019.

JAKOBSKIND, Mário Augusto. **Os inimigos da mídia hegemônica**. Rio de Janeiro, 17 mar. 2009. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/os-inimigos-da-midia-hegemonica/>>. Acesso em: 28 maio 2019.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4. São Paulo Manole 2009 1 recurso online.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2005. 315 p.

MARINONI, Bruno. **Concentração dos meios de comunicação de massa e o desafio da democratização da mídia no Brasil**. Friedrich-Ebert-Stiftung, São Paulo, p. 1-28, 3 nov. 2015. Disponível em: <<http://intervozes.org.br/wp-content/uploads/2016/02/Projeto-FES-Artigo-concentrac-ao-meio.pdf>>. Acesso em: 28 maio 2019

MEDEIROS, João Bosco. **Como escrever textos: gêneros e sequências textuais**. Rio de Janeiro Atlas 2017 1 recurso online.

MOZZATO, Anelise Rebelato; GRZYBOVSKI, Denize. **Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios**. ANPAD, Curitiba, p. 731-747, 1 jul. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rac/v15n4/a10v15n4>>. Acesso em: 3 out. 2019.

NINJA, Mídia. **Quem somos**. Brasil, 2019. Disponível em: <<http://midianinja.org/quem-somos/>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

NINJA, Mídia. **Perguntas frequentes**. Brasil, 2019. Disponível em: <<http://midianinja.org/perguntas-frequentes/>>. Acesso em: 14 out. 2019.

PONTES, Diogo de Mendonça; BEZERRA, Ada Kesea Guedes. **A Notícia Pode Ser Você: do New Journalism ao Sensacionalismo**. Natal - RN, 4 jul. 2015. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-1462-1.pdf>>. Acesso em: 5 mai. 2019

SANTOS, Giselle. **Fake news: 5 mentiras que espalharam sobre Marielle**. Brasília - DF, 19 mar. 2018. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/cinco-mentiras-que-espalharam-sobre-marielle-equipe-da-ex-vereadora-lanca-site-contrafake-news/>>. Acesso em: 25 abr. 2019

VILAS-BOAS, Sergio. **O estilo magazine: o texto em revista**. 3.ed. São Paulo: Summus, c1996. 129 p. (Novas buscas em comunicação; 52)

XAVIER, Natália Laís Almeida. **Jornalismo em tempos de fake news: a (re)construção do real e os riscos à credibilidade**. In: 41º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO –, 2018, Joinville. **Jornalismo em tempos de fake news: a (re)construção do real e os riscos à credibilidade [...]**. João Pessoa, PB: [s. n.], 2018. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1734-1.pdf>> Acesso em: 24 abr. 2019.

APÊNDICE - PROJETO DE PESQUISA MONOGRAFIA I

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

CARINA DOS SANTOS PEDROSO

LIVRO-REPORTAGEM: PROPOSTAS PARA UM JORNALISMO HUMANIZADO

Caxias do Sul
2018

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

CARINA DOS SANTOS PEDROSO

LIVRO-REPORTAGEM: PROPOSTAS PARA UM JORNALISMO HUMANIZADO

Projeto de Monografia apresentado como
requisito para aprovação na disciplina de
Monografia I
Orientador(a): Alessandra Paula Rech

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	3
1.1 PROCESSO DE DESCOBERTA	4
2 TEMA	4
2.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA	4
3 JUSTIFICATIVA	4
4 QUESTÃO NORTEADORA	7
5. HIPÓTESES	7
6. OBJETIVOS	8
6.1 OBJETIVO GERAL	8
6.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	8
7. METODOLOGIA	9
7.1 O CORPUS	10
7.2 CARTAS	11
7.3 DEPOIMENTOS	11
7.4 MEMÓRIAS	12
8. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	13
9. ROTEIRO DOS CAPÍTULOS	18
10. CRONOGRAMA	19
REFERÊNCIAS	20

1 INTRODUÇÃO:

A facilidade em consumir informação de forma cada vez mais rápida tem resultado na falta de sensibilidade e interesse do público para com os grandes acontecimentos levados à (grande) mídia hegemônica e, principalmente, com os personagens que ilustram essas notícias. Em época de enorme trânsito de informação, já não parece tão importante saber sobre as vivências daquele cuja presença é primordial para a existência do fato e, menos ainda, sobre os detalhes que antecedem a notícia em si. Basta uma rápida leitura na chamada do jornal ou um passar de olhos pelo *lead* da matéria e aí está a pauta a ser discutida exaustiva e friamente ao longo do dia. Onde estão os personagens? Quem eram antes de ser notícia e estatística, e o que acontecerá agora que o foram?

Para compreender tal processo de humanização dos personagens de uma notícia temos o livro-reportagem que, segundo Edvaldo Pereira Lima (2009, p. 26), em sua obra *Páginas ampliadas*

o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura, é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos.

Edvaldo reforça ainda, na mesma obra citada, sua visão sobre essa ferramenta ao dizer que “*o livro-reportagem cumpre um relevante papel, preenchendo os vazios informativos deixados pelo jornal, pelo revista, pelas emissoras de rádio, pelos noticiários de televisão*” (p. 4).

Baseado nesse conceito e nos tantos exemplos de livros-reportagem que serão analisados ao longo da futura monografia, demonstra-se a importância de documentar em forma de livro fatos que possuem em seu interior não apenas grande carga histórico-jornalística, mas uma análise da expressão do sentimento humano em sua forma mais pura, diferentemente do modo vago e sem profundidade de muitas matérias cotidianas diárias a que estamos acostumados.

1.1 Processo de descoberta

A temática da escrita de cartas utilizada para contar histórias e criar memórias permanentes sempre foi um assunto de grande interesse da acadêmica que, mesmo

antes de iniciar no curso de Jornalismo, já tinha certeza que o tema voltaria a ser a pauta principal de pesquisa para elaborar sua monografia no final do período acadêmico. Por conta disso, optou por unir sua curiosidade e paixão por cartas e depoimentos, que apresentam narrativas pessoais, aos estudos sobre os livros-reportagem e suas histórias aprofundadas referentes aos mais diversos acontecimentos históricos, tanto no campo do jornalismo literário, quanto na cobertura e compreensão de fatos que marcaram vidas específicas de forma duradoura.

Ao final da monografia pretende-se confirmar a grande importância jornalística presente nos livros-reportagem e suas variações, como livros de trocas ou coleções de cartas, relatos e depoimentos sobre os mais diversos acontecimentos e como tal construção literária é fundamental para o registro de memórias e criação de novas narrativas humanizadas.

2 TEMA

O livro-reportagem e a humanização das narrativas jornalísticas.

2.1 Delimitação do tema

Os recursos narrativos do livro-reportagem a serviço do jornalismo humanizado

3 JUSTIFICATIVA:

Confirmar a relevância que a produção do livro-reportagem e, também, de livros elaborados a partir da ideia semelhante de agrupamento de relatos distintos sobre um mesmo fato, é fundamental para exercer o bom jornalismo de forma aprofundada, cativante, informativa e, principalmente, humana. Segundo Sergio Vilas-Boas (1996, p. 88) em sua obra *O estilo magazine*

Para compreender o presente, o livro-reportagem leva em conta o tempo histórico. Não significa que o jornalista (autor) realiza um trabalho de historiador. Primeiro porque não tem que se vincular ao passado. A narrativa pode ir e vir no tempo, fazendo, inclusive, um prognóstico futuro pelo desdobramento do presente.

Sendo assim, a narrativa encontra em um livro-reportagem se faz atemporal aos fatos, além de trazer proximidade entre a notícia e seu leitor, gerando ou não

identificação com os personagens narrados, mas conferindo-lhes humanidade e, por consequência, a humanização de suas histórias destrinchadas.

Muito se vê sobre notícias de grandes desastres sendo veiculadas de maneira imediata, fria ou com o único objetivo de cumprir com a obrigação das redações em cobrir pautas de seus informativos diários e, por isso, são raras as exceções onde encontramos veículos verdadeiramente preocupados com a história dos integrantes do acontecimento. Quando isso ocorre, o tema é noticiado de forma sensível e sem esbarrar no sensacionalismo que busca audiência independente da dor e, também, sem beirar à frieza de estatísticas em uma pauta sobre Economia, por exemplo.

Essa sensibilidade para com a forma de noticiar um fato ou contar a história de alguém se deve ao *New journalism* “movimento criado nos anos 60 nos Estados Unidos (...) aderiu, na época, às mudanças na forma de perceber, agir e pensar o mundo”. (VILAS-BOAS, 1996, p. 90). Foi o *New journalism* o responsável por iniciar a produção de conteúdo com foco na narrativa a partir da observação do participante, onde, segundo o autor, os jornalistas tentavam “viver” o ambiente de seus personagens (VILAS-BOAS, 1996, p. 90).

De forma a humanizar os personagens da notícia, vê-se cada vez mais a necessidade de voltar o olhar jornalístico para a produção dos livros-reportagem e suas histórias completas que nos contam as diversas visões de um mesmo fato, uma das funções primordiais do Jornalismo, que contribuem para que o jornalista possa construir sua narrativa, como ocorreu com os diversos relatos acerca da tragédia com a delegação da Chapecoense, em novembro de 2016, e o incêndio na Boate Kiss de Santa Maria, em janeiro de 2013.

Ainda mais recente foi o caso do assassinato da vereadora carioca Marielle Franco e de seu motorista Anderson Gomes, em março deste ano. A falta de sensibilidade, observada em boa parte da imprensa, acabou sendo compartilhada por parcela considerável do público, caindo no agora chamado *Fake News*, onde notícias inverídicas são plantadas em diferentes grupos sociais, utilizando as redes sociais para sua forte disseminação. Logo após as primeiras notícias informando o acontecido, já era possível notar a divulgação de informações falsas e difamatórias sobre Marielle, alegando, entre outras coisas, que a vereadora foi esposa do traficante e agora presidiário Marcinho VP e que também engravidou aos 16 anos.

Não foi preciso muita pesquisa por parte da população para descobrir que Marielle não foi mãe aos 16 anos e sim aos 19, visto que sua filha tem 19 anos e Marielle faria 39 anos em julho desse mesmo ano. Já o boato de seu relacionamento com Marcinho VP demandou um pouco mais de tempo para ser refutado.

Notícias abordadas de forma errônea ou o compartilhamento de boatos difamatórios como os que surgiram sobre Marielle, são desnecessários, atrapalham a realização do bom jornalismo e pesam ainda mais sobre o sofrimento e luto que a família enfrenta. Tratar os personagens como os seres humanos que são e compreender suas lutas e histórias por trás de seus nomes e cargos divulgados como única informação relevante para a notícia é também o papel do jornalismo humanizado.

Apesar de se chocar com muitas informações desencontradas e notícias mentirosas, a cobertura realizada para contar a história de Marielle e Anderson deixou muitas sementes em termos de movimentação social e de luta, pois mexe diretamente com diversos grupos sociais a que Marielle representava não apenas enquanto figura política, assim como Anderson também representa o brasileiro que “trabalha duro” para garantir o sustento de sua família. No dia em que acompanhava Marielle, ele trabalha para ter uma renda extra no orçamento, cobrindo a folga de outro motorista que costumava levar Marielle Franco para os atos que participava.

Fatos como os citados acima reforçam a escolha de apresentar um projeto de monografia onde se discuta a importância de abordar as histórias dos personagens que compõem a notícia de forma mais humana, profunda e realmente interessada em falar sobre suas histórias e trazer ao público a possibilidade de refletir e até mesmo mudar seu pensamento em relação ao que lhe é apresentado, assim como ocorre com os relatos de Drauzio Varella em sua série de livros *Estação Carandiru* (1999), *Carcereiros* (2012) e *Prisioneiras* (2018), sendo esse último um dos livros que serão posteriormente analisados para a monografia, contando a história das presidiárias da Penitenciária Feminina da Capital, em São Paulo.

Segundo Jorge Duarte e Antonio Junqueira (2011, p. 45) no livro *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação* “Muitas vezes, a possibilidade de utilizar uma técnica desafiadora é o principal atrativo de uma pesquisa, tornando-a mais estimulante e criativa” e por isso se faz tão importante e curiosa a análise dos

conteúdos em livros-reportagem, onde há que se perceber a grande contribuição que a informação segmentada dos livros-reportagem nos apresenta, visto que essa forma de contar a notícia em detalhes está sempre em busca de trazer à luz a profundidade e real importância do assunto abordado.

4 QUESTÃO NORTEADORA

Quais recursos narrativos utilizados no livro-reportagem e suas vertentes podem contribuir para a produção de conteúdo no jornalismo humanizado?

5 HIPÓTESES

Diante do tema e questão norteadora escolhidos, foram elencadas as seguintes hipóteses que serão provadas ou refutadas mediante elaboração do projeto e, em seguida, da própria monografia, acerca da temática do livro-reportagem como instrumento de narrativas humanizadas no campo jornalístico:

1. O livro-reportagem tem como diferenciais do jornalismo tradicional o maior uso de depoimentos, seja através de cartas, entrevistas ou autobiografias, sendo esse em um estilo narrativo de diário íntimo;
2. A humanização não faz necessariamente parte do estilo livro-reportagem, já que alguns autores podem usar do oportunismo e também do sensacionalismo para aumentar o número de exemplares vendidos para ler suas histórias;
3. Diante da enxurrada de informação gerada pela multiplicação das mídias digitais, existe o desejo de retomada do conteúdo mais analítico, detalhado e especializado, o que amplia o campo para o livro-reportagem;
4. O futuro do jornalismo impresso passa pela adesão de formas mais humanizadas de noticiar, e o livro-reportagem é uma delas;
5. A análise narrativa de um livro-reportagem pode servir como importante forma de aprofundar e documentar fatos de maneira a tornar reportagens e seus personagens mais próximos do leitor, gerando vínculos comunicacionais;
6. A produção de conteúdo pessoal de um livro-reportagem pode ser utilizada como material rico e didático para a compreensão da humanização de narrativas.

6 OBJETIVOS

6.1 Objetivo geral

Ampliar as reflexões sobre a contribuição do estilo livro-reportagem para a criação de narrativas no jornalismo humanizado.

6.2 Objetivos específicos

Analisar as narrativas que compõem os diferentes formatos de livros-reportagem escolhidos para a produção deste projeto e, posteriormente, da monografia;

Observar, entre essas narrativas, informações sobre o processo de construção das reportagens, com seus desafios e diferenciais;

Verificar a criação de laços entre leitor e personagens da narrativa a partir da construção de um livro-reportagem, de modo a pensar a importância dessa proximidade para um jornalismo mais humanizado;

Relacionar os principais recursos de comunicação que diferenciam o livro-reportagem das formas tradicionais de noticiar;

Elencar propostas para um jornalismo humanizado a partir dos recursos observados nos livros-reportagem selecionados.

7 METODOLOGIA

Segundo Jorge Barros e Antonio Junqueira (2001, p. 44-45) em *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*

A definição dos procedimentos metodológicos é um dos grandes desafios no processo de elaboração do projeto e do próprio trabalho final. A literatura em métodos e técnicas de pesquisa é ampla e muitos pesquisadores iniciantes perdem-se com a quantidade de títulos e opções disponíveis, com a variedade de técnicas de coleta de dados e até com diferentes nomenclaturas utilizadas pelos autores da área. Na realidade, a lógica do método científico é comum a todas as obras, mesmo com eventuais formas de apresentação diferentes por parte dos vários autores. Por isso, a tarefa é mais simples do que parece, desde que se saiba exatamente o que se quer pesquisar. Na monografia, dissertação ou tese, os passos metodológicos deverão ser bastante detalhados, mas no projeto a tarefa mais importante é identificar o método a ser empregado ou as técnicas para coleta e análise do material de pesquisa e ter consciência de sua validade e limitações.

Sendo assim, para a metodologia do projeto aqui descrito, optou-se pela pesquisa qualitativa, por considerarmos mais adequada ao perfil do trabalho pretendido, uma vez que nos interessa a análise em profundidade do nosso corpus, o que não ocorreria se tivéssemos em mãos grande quantidade de material. Por pesquisa qualitativa entende-se que, de acordo com Arilda Schmidt Godoy (1994), em seu artigo *Pesquisa Qualitativas: Tipos fundamentais*

A pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes. Algumas características básicas identificam os estudos denominados “qualitativos”. Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno. Partindo de questões amplas que vão se aclarando no decorrer da investigação, o estudo qualitativo pode, no entanto, ser conduzido através de diferentes caminhos.

Em relação aos diversos caminhos que uma pesquisa qualitativa pode seguir para a trabalhar o tema escolhido, elencou-se como primeira etapa a revisão bibliográfica de teorias relacionadas ao tema em questão, para compreender os gêneros textuais apresentados nos quatro livros escolhidos como corpus da monografia posteriormente elaborada. Em segundo lugar, será feita a análise de conteúdo propriamente dita onde, partindo do conceito de Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi (2005, p. 27-28) no livro *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*

Analisar significa estudar, decompor, dissecar, dividir, interpretar. A análise, de um refere-se ao processo de conhecimento de determinada realidade e implica o exame sistemático dos elementos; portanto, é decompor um todo em suas partes, a fim de poder efetuar um estudo mais completo, encontrando o elemento-chave do autor, determinar as relações que prevalecem nas partes constitutivas, compreendendo a maneira pela qual estão organizadas, e estruturar as ideias de maneira hierárquica. É a análise que vai permitir observar os componentes de um conjunto, perceber suas possíveis relações, ou seja, passar de uma ideia-chave para um conjunto de ideias mais específicas, passar à generalização e, finalmente, à crítica.

Para que a análise ocorra, optou-se por seguir as seguintes etapas:

- Leitura dos livros *Abusado: O dono do Morro Dona Marta*, *Cartas de Isabella*, *Prisioneiras* e *Todo dia a mesma noite*;

- Fichamento bibliográfico das obras;
- Identificação do gênero textual adotado em cada livro: carta, depoimento ou relatos baseados na memória;
- Apontar a relação entre os discursos e o uso do livro-reportagem como instrumento de humanização do jornalismo.

Sendo assim, para realizar a análise correta do conteúdo escolhido, utilizaremos a aplicação dos procedimentos de Laurence Bardin (2006) apresentados em seu livro *Análise de Conteúdo* que consiste em pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. De acordo com a síntese de Anelise Rebelato Mozzato e Denize Grzybovski (2011) encontrada no artigo *Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios*

A pré-análise é a fase em que se organiza o material a ser analisado com o objetivo de torná-lo operacional, sistematizando as ideias iniciais. Trata-se da organização propriamente dita por meio de quatro etapas: (a) leitura flutuante, que é o estabelecimento de contato com os documentos da coleta de dados, momento em que se começa a conhecer o texto; (b) escolha dos documentos, que consiste na demarcação do que será analisado; (c) formulação das hipóteses e dos objetivos; (d) referência dos índices e elaboração de indicadores, que envolve a determinação de indicadores por meio de recortes de texto nos documentos de análise (Bardin, 2006).

A exploração do material constitui a segunda fase, que consiste na exploração do material com a definição de categorias (sistemas de codificação) e a identificação das unidades de registro (unidade de significação a codificar corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade base, visando à categorização e à contagem frequencial) e das unidades de contexto nos documentos (unidade de compreensão para codificar a unidade de registro que corresponde ao segmento da mensagem, a fim de compreender a significação exata da unidade de registro). A exploração do material consiste numa etapa importante, porque vai possibilitar ou não a riqueza das interpretações e inferências. Esta é a fase da descrição analítica, a qual diz respeito ao corpus (qualquer material textual coletado) submetido a um estudo aprofundado, orientado pelas hipóteses e referenciais teóricos. Dessa forma, a codificação, a classificação e a categorização são básicas nesta fase (Bardin, 2006).

A terceira fase diz respeito ao tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Esta etapa é destinada ao tratamento dos resultados; ocorre nela a condensação e o destaque das informações para análise, culminando nas interpretações inferenciais; é o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica (Bardin, 2006).

A partir da relação de procedimentos descrita acima, fica clara a maneira que deverá ser consumido e compreendido o conteúdo dos livros que serão analisados, bem como os tópicos que devem ser observados e respondidos, para que o conteúdo dos livros-reportagem sejam percebidos de forma que se mostrem

eficientes para o cumprimento do projeto proposto e da monografia que surgirá com base nesse estudo.

7.1 O corpus

Em uma pré-seleção, escolhemos quatro obras para a análise. Carta, depoimento e memória foram os estilos narrativos percebidos como mais relevantes para a construção de um livro-reportagem, que observaremos nessas obras. Como corpus da pesquisa, foram escolhidos os seguintes livros que, nos próximos subtópicos serão melhor descritos:

- *Abusado - O dono do Morro Dona Marta*, do jornalista Caco Barcellos (2005);
- *Cartas de Isabella*, da jornalista Isabella Fernandez Ibarгойen (2017);
- *Prisioneiras*, do médico e escritor Drauzio Varella (2018);
- *Todo dia a mesma noite*, da jornalista Daniela Arbex (2018).

7.1.1 Cartas

O primeiro recurso a ser analisado nesse projeto se encontra nos livros que apresentam cartas, cuja narrativa específica sobre o tema pode ser observada na obra *Cartas de Isabella*, em que a jornalista Isabella Ibarгойen (2018) publica sua coleção de cartas endereçadas ao seu ex-namorado, o também jornalista Giovane Klein, uma das vítimas do acidente com o avião da delegação da Chapecoense, em 2016, sendo aí, o material elaborado para um destinatário apenas.

Outros livros do gênero de cartas também foram consultados como apoio para compor essa escolha, como *Cartas perto do coração*, que conta com a troca de cartas entre dois personagens, onde o escritor Fernando Sabino (2011) se corresponde com sua amiga Clarice Lispector, também escritora; e a coleção de cartas reunidas por Emily Trunko (2018) em *Cartas secretas jamais enviadas*, material que conta a história de várias cartas que foram escritas, mas que os destinatários de cada exemplar jamais saberão o conteúdo das mesmas, pois não receberão a missiva.

7.1.2 Depoimentos

Para o segundo tópico de análise, tem-se os livros-reportagem que narram suas histórias em forma de depoimentos, contando ao leitor tudo o que viram ou viveram, como se estivessem no local do ocorrido no mesmo instante em que o livro foi escrito. Para essa seção, foram elencados dois livros, *Todo dia a mesma noite*, de Daniela Arbex (2018), que apresenta, em narrativa feita pela própria autora, relatos de pessoas próximas das vítimas do incêndio na Boate Kiss, em Santa Maria, no ano de 2013; e *Abusado - O dono do Morro Santa Marta*, do jornalista Caco Barcellos, que narra o cenário da violência na cidade do Rio de Janeiro.

Como auxílio, também foram utilizadas outras obras, como os relatos trazidos no livro *Cartas Para Julieta*, de Lise Friedman e Ceil Friedman, que apresentam a história do *Club di Giullieta*, muito famoso na cidade de Verona, na Itália, por receber correspondências do mundo todo direcionadas à estátua de Julieta, protagonista da famosa história shakespeariana *Romeu e Julieta*, construída no local que, segundo a lenda surgida em Verona, teria o “poder” de auxiliar os apaixonados que lhe procuram para contar suas histórias ou pedir conselhos amorosos.

7.1.3 Memórias

O terceiro estilo narrativo a ser analisado dentro dos livros-reportagem se baseia em livros elaborados a partir de memórias vividas pelos personagens de cada título aqui comentado. Muito semelhante ao estilo depoimento, os livros baseados em memórias são mais pessoais e sem compromisso de direcionar a narrativa para outros leitores ou destinatários, algo muito comum em diários pessoais. A obra principal a ser analisada no gênero memória, é o livro *Prisioneiras*, do médico oncologista e escritor Drauzio Varella, que escreve, em primeira pessoa, seus depoimentos sobre a vida de cerca de duas mil mulheres que estão na Penitenciária Feminina da Capital, em São Paulo.

Como leitura complementar de materiais desse estilo, foi utilizada a história da atriz Carrie Fisher (2016), contada no livro *Memórias da Princesa - Os diários de Carrie Fisher*, escrito pela mesma ainda na época das gravações do primeiro filme da franquia *Star Wars*, mas publicado apenas no ano de 2016. Semelhante ao estilo do livro *Cartas secretas jamais enviadas*, mencionado no tópico anterior, também

será analisado *Últimas mensagens recebidas*, também de Emily Trunko (2018), um compilado de mensagens cujos destinatários contam qual o contexto para que tais textos tenham chegado até eles. De frases enviadas via celular, até conselhos ditos por um familiar muito querido, esse livro faz uma reflexão sobre a importância das mensagens que deixamos para o mundo e, para quem as lê pela primeira vez, o auxílio do contexto descrito no rodapé de cada página, é uma forma de compreender como as vivências levam cada personagem a ouvir ou ler tal recado pela última vez. De forma bastante pessoal, a narrativa contida nesse material em questão se mostra muito importante, quando nos referimos às relações humanizadas e suas trocas no campo da comunicação.

8 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Para Marconi e Lakatos (2009, p. 85)

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de visão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas.

Dessa forma, para elaborar a revisão bibliográfica da monografia a ser produzida, será feita uma revisão dos conteúdos de autores a respeito do tema escolhido, como:

- História do Jornalismo e dos meios impressos;
- Análise e crítica aos meios de comunicação tradicionais;
- A questão do sensacionalismo e da mídia hegemônica;
- O Jornalismo literário, a corrente do Jornalismo humanizado;
- O suporte das cartas como norteador para novas formas de comunicação;
- O depoimento e a memória como ferramentas de reportagens humanizadas.

Abaixo se encontra uma lista que consta a sinopse oficial dos títulos que serão analisados para a monografia e também os livros que servirão como apoio para a compreensão dos gêneros textuais escolhidos.

ARBEX, Daniela. **Todo dia a mesma noite**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018. 236 p. Daniela Arbex reafirma seu lugar como uma das jornalistas mais relevantes do país, veterana em reportagens de fôlego, premiada por duas vezes com o prêmio Jabuti, ao reconstituir de maneira sensível e inédita os eventos da madrugada de 27 de janeiro de 2013, quando a cidade de Santa Maria perdeu de uma só vez 242 vidas. Foram necessárias centenas de horas dos depoimentos de sobreviventes, familiares das vítimas, equipes de resgate e profissionais da área da saúde, ouvidos pela primeira vez neste livro, para sentir e entender a verdadeira dimensão de uma tragédia sobre a qual já se pensava saber quase tudo.

BARCELLOS, Caco. **Abusado: o dono do morro Dona Marta**. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. 559 p. Para se entender toda essa violência urbana instalada no Rio de Janeiro, é necessário compreender como pensam e como agem os criminosos que impõem o terror na cidade. Abusado livro-reportagem de Caco Barcellos, é uma verdadeira lição sobre a lógica, os meandros e o modus operandi das grandes corporações criminosas que comandam o tráfico de drogas e outras atividades criminosas no Estado. Através da história de Juliano VP (codinome de um conhecido traficante carioca) - sua infância, adolescência, entrada e ascensão no tráfico de drogas na favela Santa Marta (em Botafogo, bairro de classe média) -, temos um retrato histórico da ocupação do morro pelo Comando Vermelho, principal facção criminosa no Estado, e da implantação de sua cruel disciplina.

FISHER, Carrie. **Memórias da Princesa: Os diários de Carrie Fisher**. 1. ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2016. 224 p. Carrie Fisher era uma jovem atriz iniciante quando foi chamada por George Lucas para interpretar o papel que mudaria sua vida: a Princesa Leia, de *Star Wars*. Inexperiente, Carrie se viu imersa em um ambiente pouco acolhedor, e buscou refúgio em diários que mantinha ao longo das gravações dos filmes. Em “Memórias da princesa: Os diários de Carrie Fisher”, a atriz conta seus melhores e piores momentos ao longo das filmagens de *Star Wars* e a relação que mantinha com os colegas de trabalho, além de trazer detalhes inéditos sobre sua vida pessoal e sobre como o filme mudou completamente seu modo de viver.

FRIEDMAN, Lise; FRIEDMAN, Ceil. **Cartas para Julieta**. 3. ed. São Paulo: Seoman, 2012. 176 p. A lenda eterna do casal apaixonado de Shakespeare atrai milhões de visitantes a Verona, na Itália, todos os anos. Mas essa é apenas uma parte da história. Todos os dias, cartas, que costumam ter como endereço simplesmente “Julieta, Verona”, chegam à cidade. Chegam aos montes, em quase todas as línguas possíveis e imagináveis, escritas por românticos que buscam os conselhos de Julieta. E, surpreendentemente, nenhuma fica sem resposta. Este livro poético, com uma seleção de cartas sinceras, é perfeito para todas as pessoas que já se apaixonaram uma vez. Impresso em quatro cores e ricamente ilustrado com fotos é uma ótima sugestão para presentear pessoas apaixonadas.

IBARGOYEN, Isabella Fernandez. **Cartas de Isabella**. 2. ed. Curitiba: Inverso, 2017. 122 p. De um simples bilhete, surgia uma promessa. Um simples rabiscado de letras e palavras que parece fazer todo o sentido nestes dias. Uma história de amor tem dessas coisas. Dessa troca de afeto, desses beijos que nos fazem viajar, desses abraços que nos confortam de tudo, dessa conquista diária. Uma história de amor pode acabar por uma série de motivos. Seria a morte física um deles? As Cartas de Isabella nos sugerem respostas através de seus desabafos, de suas conversas, que ultrapassam a vida terrena e um julgamento alheio a sentimentos. O conteúdo é um exemplo de superação de uma perda. É a retomada, o renascimento, a compreensão e o prosseguimento. É amor na sua mais pura e verdadeira essência. É a história de um amor sem fim.

SABINO, Fernando Tavares; LISPECTOR, Clarice. **Cartas perto do coração: dois jovens escritores unidos pelo mistério da criação**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011. 206 p. A longa e profunda amizade entre dois dos mais importantes escritores brasileiros reflete-se nas cartas trocadas por eles entre 1946 e 1969. Permeada pelo espanto e fascínio dos autores ante o futuro, Cartas perto do coração traz a correspondência entre Fernando Sabino e Clarice Lispector e permite, a reboque, descobrir o mundo interno desses dois escritores quando jovens. Na última fase da vida de Clarice Lispector surgiram-lhe outras relações de amizade, mas o relacionamento entre ela e Fernando Sabino foi o primeiro e um dos mais intensos

desde o início de sua carreira literária. Em janeiro de 1944, Sabino mal havia completado vinte anos e recebia, em Belo Horizonte, onde morava, o exemplar de um romance chamado *Perto do coração selvagem*, com uma dedicatória da autora, Clarice Lispector, ainda desconhecida do grande público. 'Fiquei deslumbrado pelo livro,' confessa Sabino. Depois de apresentados um ao outro por Rubem Braga, os dois começaram uma amizade marcada pelo convívio diário e conversas marcadas em confeitarias da cidade. Uma ligação retratada em *Cartas perto do coração*. A amizade continuou, através dessas cartas, com uma frequência só interrompida quando se encontravam os dois no Rio de Janeiro.

TRUNKO, Emily (Org.). **Cartas secretas jamais enviadas**. 1ª. ed. São Paulo: Seguinte, 2018. 200 p. Você já desejou poder voltar no tempo e dar conselhos para si mesmo? Já quis ter coragem de falar como é forte o amor que sente por alguém? Alguma vez já se perguntou por que uma pessoa importante na sua vida parou de falar com você? A partir de contribuições anônimas, Emily Trunko reuniu nesta coletânea cartas que revelam segredos profundos de quem as escreveu. Afinal, muitas vezes o único jeito de lidar com nossos sentimentos mais intensos — seja um amor incondicional ou uma perda irreparável — é botando tudo no papel. A leitura destas cartas nos permite mergulhar na vida de seus remetentes e, ao mesmo tempo, redescobrir nossa própria história e perceber que, mesmo nos piores momentos, não estamos sozinhos.

TRUNKO, Emily (Org.). **Últimas mensagens recebidas**. São Paulo: Seguinte, 2018. 176 p. A partir de contribuições anônimas, a jovem Emily Trunko reuniu nesta coletânea mensagens que contam histórias reais sobre os mais variados tipos de despedida: o fim de uma amizade, o término de um relacionamento ou até mesmo um acontecimento trágico que muda a vida do destinatário e do remetente para sempre. Enviadas por celular, por e-mail ou pelas redes sociais, essas mensagens narram perdas profundas e inspiram muita reflexão. Será que não deveríamos expressar mais o amor que sentimos pelas pessoas enquanto isso ainda é possível? Ou, em alguns casos, nos afastar o quanto antes daquelas que nos fazem mal?

VARELLA, Drauzio. **Prisioneiras**. São Paulo: Cia. das Letras, 2017. 277 p. O trabalho de Drauzio Varella como médico voluntário em penitenciárias começou em 1989, na extinta Casa de Detenção de São Paulo, o Carandiru. Os anos de clínica e as histórias dos presos, dos funcionários e da própria cadeia seriam retratados nos aclamados livros *Estação Carandiru* (1999) e *Carcereiros* (2014). Em 2017, Drauzio encerra sua trilogia literária sobre o sistema carcerário brasileiro com *Prisioneiras*. Alçando as mulheres encarceradas a protagonistas, o médico rememora os últimos onze anos de atendimento na Penitenciária Feminina da Capital, que abriga mais de duas mil detentas. São histórias de mulheres que não raro entram para o crime por conta de seus parceiros — inclusive tentando levar drogas aos companheiros nas penitenciárias masculinas em dias de visita —, porém que são esquecidas quando estão atrás das grades. As famílias conseguem tolerar um encarcerado, mas não uma mãe, irmã, filha ou esposa na cadeia.

9 ROTEIRO DOS CAPÍTULOS

Introdução

1 Jornalismo

1.1 Jornalismo impresso

1.2 Mídia hegemônica

1.2.1 Indústria da comunicação e sociedade de consumo (ou algo)

1.2.2 Sensacionalismo

2 Jornalismo literário

2.1 Jornalismo humanizado

3 Livro-reportagem

3.1 Cartas

3.2 Depoimentos

3.3 Memórias

4 Metodologia

4.1 Pesquisa qualitativa

4.1.2 Pesquisa bibliográfica

4.1.3 Análise de conteúdo

5. A análise

5.1 Abusado

5.2 Cartas de Isabella

5.3 Prisioneiras

Considerações finais

Referências

10 CRONOGRAMA

Data	Atividade
Janeiro/2019	Leitura dos livros escolhidos para o corpus da monografia.
Fevereiro/2019	Análise de narrativas lidas anteriormente
Março/2019	Redação dos capítulos 1, 2 e 3
Abril/2019	Redação dos capítulos 4 e 5
Maio/2019	Redação do capítulo final e produção de apresentação de slides para banca.
Junho/2019	Revisão final do material, impressão e entrega.
Julho/2019	Apresentação da monografia para a banca avaliadora.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. São Paulo Atlas 2011 1 recurso online.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa**: Tipos fundamentais. 1994. 10 f. Artigo (Professora)- UNESP, Rio Claro, 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3>>. Acesso em: 12 maio 2018.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. São Paulo Manole 2009 1 recurso online.

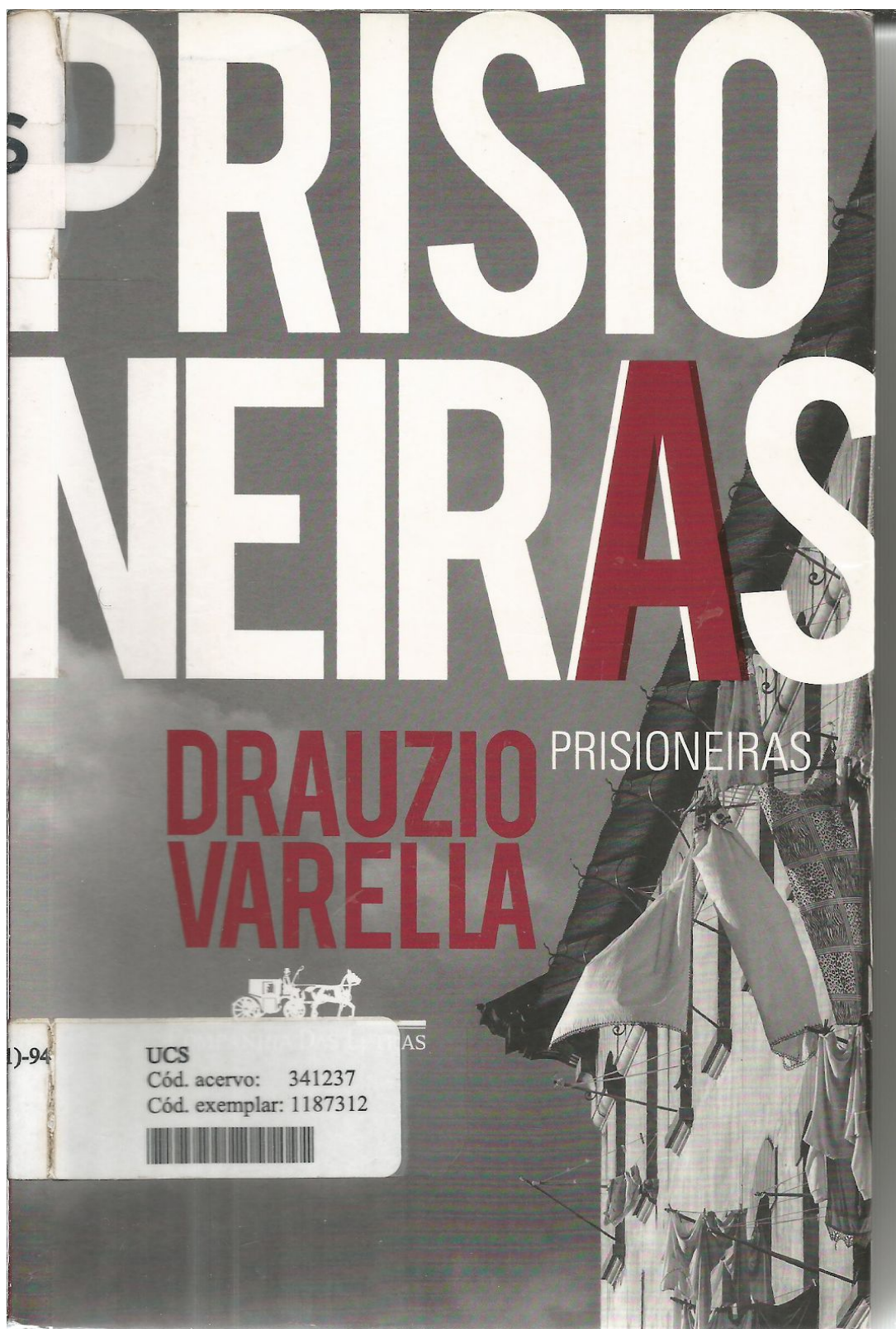
LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2005. 315 p.

VILAS-BOAS, Sergio. O estilo Magazine. São Paulo: Summus, 1996.

ANEXO - LIVROS ANALISADOS



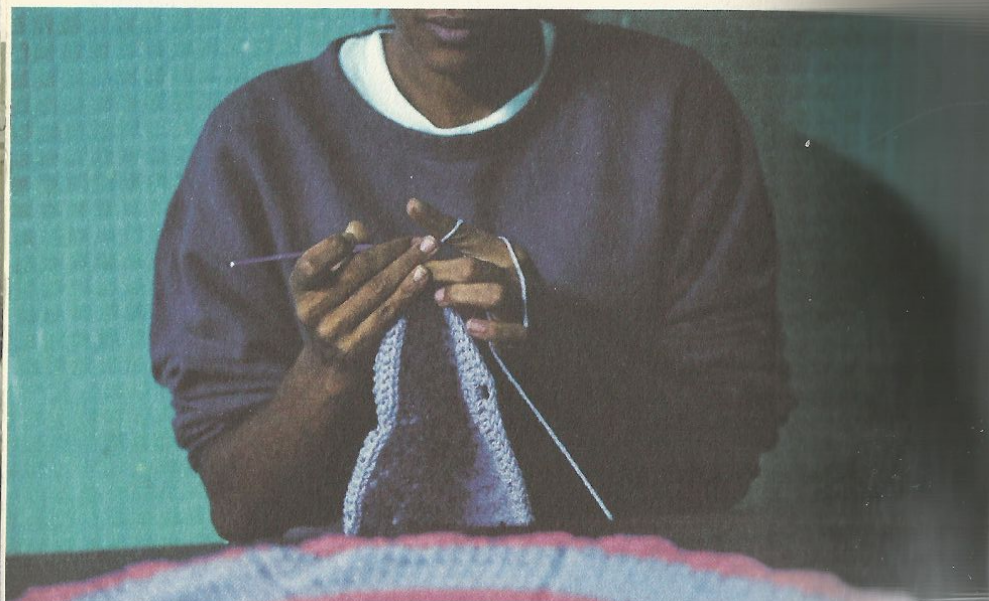
Capa do livro *Rota 66: a história da polícia que mata*, de Caco Barcellos



Capa do livro *Prisioneiras*, de Drauzio Varella

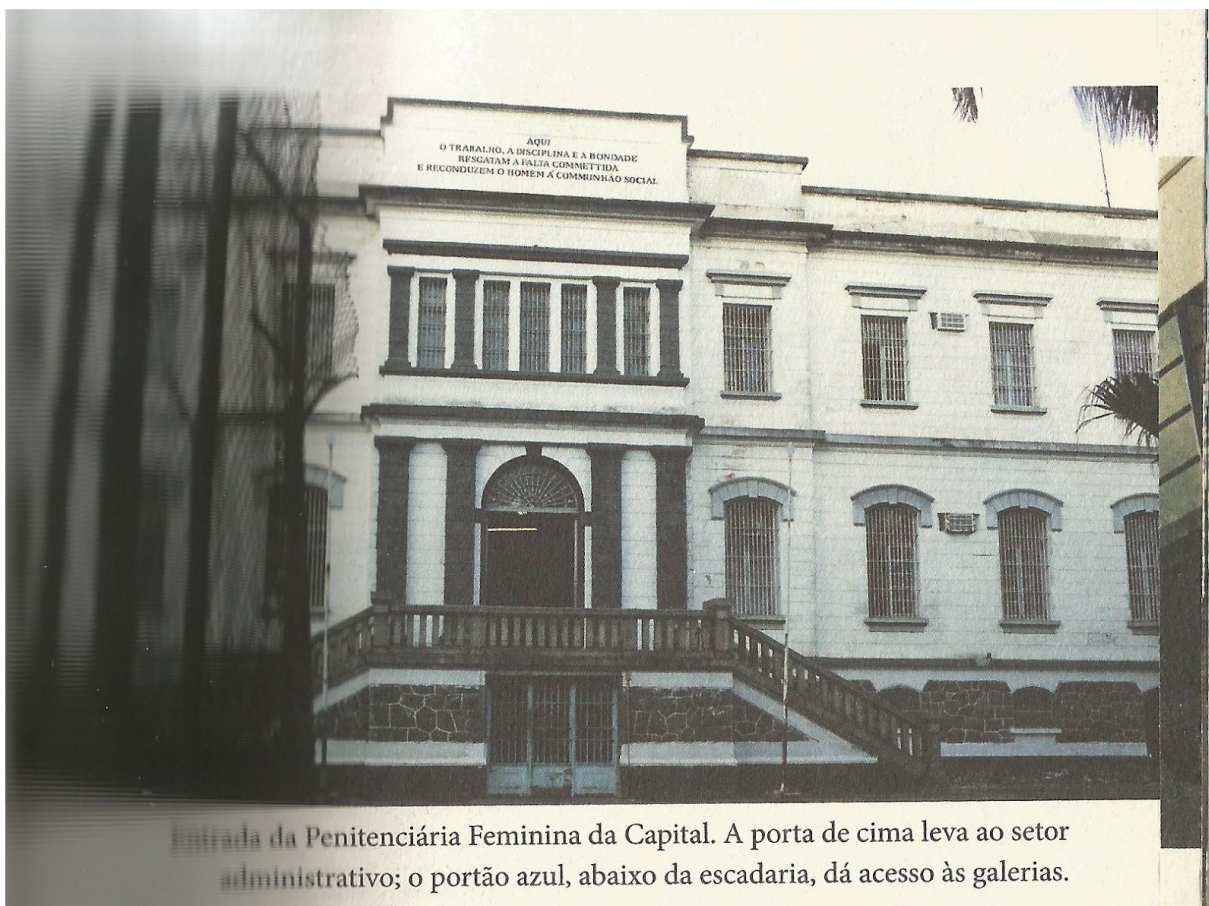


Algumas mulheres lavam roupa para outras presas em troca de maços de cigarro.



Confecionar e vender tapetes e outros artigos de crochê é uma alternativa para as que não conseguem trabalho nas oficinas.

Atividades realizadas pelas detentas que não trabalham nas oficinas da Penitenciária



Entrada da Penitenciária Feminina da Capital



Guarda carrega as chaves maiores, que abrem as gaiolas de acesso aos pavilhões.

Cela vista através da grade de proteção que separa os andares. Pendurada na porta, uma toalha de crochê com bolsos para acomodar os pães.

As chaves são organizadas na ordem exata para a abertura dos cadeados das celas.

Cada cela abriga duas mulheres.

Chaves, sacolas de crochê para os pães e imagem interna da cela



Puxados por "boieiras", que distribuem o café da manhã de cela em cela, os carrinhos de alimentos rangem pela galeria.

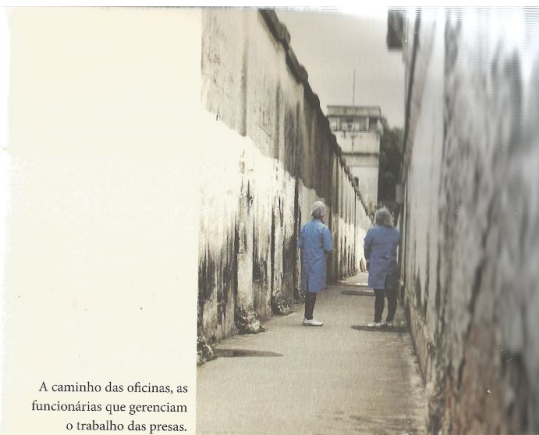
"Boieiras" e os carrinhos de café da manhã

Nas oficinas de trabalho, as presidiárias executam as mais diversas atividades manuais e produzem desde produtos de beleza e chinelos até retrovisores, torneiras e conexões plásticas.



As oficinas já criaram mais de 1500 postos de trabalho dentro da penitenciária.

Oficinas dentro da Penitenciária e materiais produzidos



A caminho das oficinas, as funcionárias que gerenciam o trabalho das presas.



Na montagem de equipos de soro são observadas regras rigorosas para evitar contaminação.



Os pátios são delimitados na frente pela galeria central, nos lados pelos dois pavilhões e ao fundo pela muralha com as guaritas de vigilância.

Caminho para as oficinas e pátio externo da Penitenciária

s daniela
arbex
**todo dia
a mesma
noite**
a história
não
contada
da boate

UCS
Ac.342856
1198349



intrinseca



Protesto na porta da boate Kiss, onde um incêndio considerado o segundo maior do Brasil em número de óbitos acabou levando à morte 242 pessoas, a maioria por envenenamento.



O bombeiro Robson Müller contava com seis homens e seis alunos para salvar centenas de pessoas. Foi processado por não ter impedido que jovens voltassem à Kiss e acabou sendo absolvido.

Fachada da Boate Kiss e bombeiro Robson Müller



O médico Carlos Dornelles organizou com a FAB a operação de transporte das vítimas mais graves do Hospital de Caridade para Porto Alegre. Ele volta ao hospital para cuidar do avô.



Maíke dos Santos comemorava o aniversário de sua amiga Andrielle junto com Vitória, Flávia, Mirela, Gilmara, Merylin e Danrley. Foi o único do grupo que sobreviveu.



Depois de escapar do incêndio, Gustavo Cadore caminhava para casa quando foi alertado por uma mulher sobre seus ferimentos. Após nove dias em coma, soube que havia queimado 40% do corpo.



Sérgio e Nadir da Silva, pais de Guto, chegaram à boate em busca de notícias do filho por volta de quatro e meia da manhã. Só conseguiram localizar seu corpo após as nove horas.

Algumas das pessoas que viveram a tragédia



Natalício Soares e Marise Dias, pais de Lucas: o filho único, de 20 anos, morreu dentro de um dos banheiros da Kiss, onde mais da metade dos corpos foi encontrada.



Livia Oliveira (no corredor em que o filho Heitor aprendeu a andar): ao liberar seu corpo no centro desportivo Farrezão, encontrou o chefe, Sívio Beuren, que também perdera o filho.



A enfermeira Liliane Duarte no Farrezão, onde os corpos ficaram estendidos, foi uma das profissionais que atuaram no dramático reconhecimento das vítimas por seus familiares.

Natalício, Marilise, Livia e Liliane



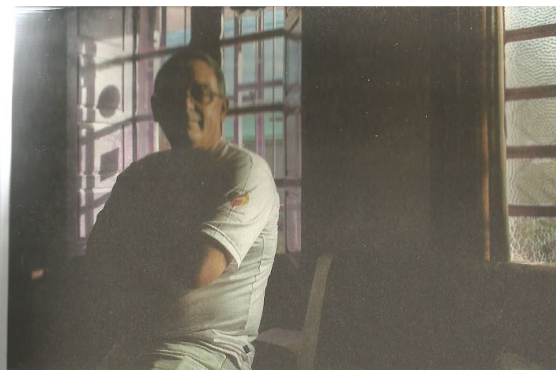
Ligiane Right da Silva, mãe de Andrielle, desde 2013 ajuda a montar a Tenda da Vigília na praça de Santa Maria, como um ponto de encontro para pessoas afetadas pela tragédia.



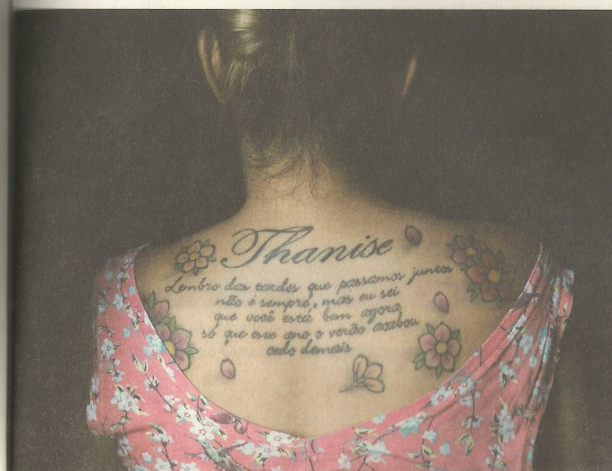
Cida e César Neves perderam o filho adotivo, Augusto, no incêndio. Foram responsabilizados por sua morte na igreja que frequentam porque o deixaram ir a uma casa noturna.



Marta Beuren, mãe de Silvinho, em seu sítio: processada por calúnia e difamação pelo Ministério Público com mais três pais de vítimas após criticar a atuação do órgão no episódio.



Flávio José da Silva, pai de Andrielle, que idealizou o movimento Santa Maria do Luto à Luta.



Carina Correa entrou em depressão com a perda de Thanise e buscou o Acolhe Saúde, criado pela Prefeitura de Santa Maria para ajudar as vítimas diretas e indiretas da tragédia.

Ligiane, Carla, César, Marta, Flávio e Carina



A desapropriação do prédio onde a boate funcionava, formalizada em julho de 2017 pela Prefeitura, abre caminho para a construção de um memorial na rua do Andradas.

Parte interna da Boate Kiss